

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRAZIL.

I.

A PARTIDA.

VASCO DA GAMA abriu as portas maritimas do oriente, e tornou ao heroico paiz natal para dar conta ao rei e á posteridade da sua ousada e para sempre maravilhosa empreza. Elrei D. Manuel querendo tirar proveito de tantos trabalhos resolvêra em conselho de fazer aprestar uma armada capaz de infundir respeito e de ostentar na India a sua grandeza, com destino de ir a Calecut entabolar relações com o Samorim e estabelecer uma feitoria em que se bastasse o pendão das quinas — ou antes o da ordem de Christo, para proteger os seus vassallos que alli quizessem ir mercadejar. Desta armada, constante de treze velas e de mil e duzentos homens, dera a capitania-mor a Pedr'Alvares Cabral, varão conhecido pela sua illustre linhagem, e que para este encargo se offerecera por suggestões do seu amigo, o grande descobridor da India, que o recommendára a elrei. Dadas as instrucções e regimentos tinha chegado o mez de Março, proprio da monção, e no segundo domingo deste mez do ultimo anno do 15.^o seculo — no dia 8 de Março do anno de Christo de 1500 — as náus de todo equipadas, que tinham barlaventeado largando de Lisboa, estavam fundeadas no surgidouro do Rastello. No começado sumptuoso convento de Belem se disse missa e pregação, a que elrei assistiu com toda a corte, fazendo a Pedr'Alvares a distincção de o ter consigo na tribuna real, e de o acompanhar até ao embarque, despedindo-se no meio de um grande concurso de povo que na terra e no mar se apinhava.

No dia seguinte pela manhã ao repontar da vassante todas as náus levavam ferro. Ouvin-se a grita cadenciada dos marinheiros feita de proposito para alarem ao mesmo tempo, applicando com regularidade os viradores nos cabrestantes, e esta bulha suffocava todos os mais sons, excepto o do rouco roçar da amarra pelos escouvens e o do agudo apito do mestre que fazia largar e caçar as velas. Da banda de bombordo via-se avultar, por entre os andares de ameias, a guarnição de uma formosa torre construida por elrei D. João 2.^o para defender a entrada do Tejo, a qual parecia despedir-se de muitos dos seus que deixavam de a ver para sempre. Da banda do Rastello apenas existia em projecto a magnifica torre de S. Vicente de Belem, construida no meio das ondas, que a principio arrebatavam de envolta com as areas douradas do Tejo contra os seus alicerces, como querendo vingarse de lhe usurpar impunemente os seus campos — essa « torre antiga e veneranda » testemunha ha tantos tempos das glorias navacs das armadas do Tejo, e não indifferente aos seus desastres e decadencia.

A armada sahiu de mar em fóra, e tomando para o Cabo d'Espichel foi desaparecendo pouco a pouco. Andados treze dias estava tanto avante como as ilhas de Cabo-verde, tendo passado junto ás Canarias. Porem tendo logo desaparecido uma das náus, proseguiram as doze restantes pelo oceano, afastando-se das costas d'Africa, e amaranando-se para leste cada vez mais. E sem fundamento a opinião dos que acreditam foram por tempestade obrigadas a seguir este rumo; tem mais probabilidade a de Barros, que houve intenções de fugirem ás calmarias de Guiné como já o praticara Vasco da Gama. E se na verdade foi este o fim, vento de mais e hem fatal veio a ter depois a armada. Porem se attentarmos

em que para sempre tinham desaparecido os rezeiros do *mar tenebroso* — que em Portugal se conhecia a existencia das terras occidentaes achadas por Colombo — e, maiormente, que Gaspar Corte-Real diligenciava a doação da terra firme ou ilhas que encontrasse, e que lhe foi concedida a 12 de Maio desse anno — se attentarmos, repetimos, em tudo isto não podemos deixar de nos persuadir que no seguimento de tal rumo entrou o quer-que-é das esperanças, curiosidade e vertigem descobridora dos portuguezes daquela idade. Esta consideração tão simples poderá para o futuro concorrer a diminuir as difficuldades na composição de uma epopéa cujo assumpto seja o desta chronica e Pedr'Alvares o heroe.

II.

A CHEGADA.

As doze vellos navegavam, fazendo diversas singraduras, porem sempre no rumo de S. O. As plantas maritimas e aves que tinham encontrado aos 21 de Abril, que era o dia da segunda oitava de Pascoa, lhes annunciara terra e por isso na manhã seguinte não sabiam os mais curiosos dos chapiteus de proa. E estavam já desalentados e fartos de esperar, quando um gageiro da capitana bradou da gavia — *terra!*

E a voz *terra! terra!* tão consoladora aos navegantes era a unica que resoava e se ouvia nas náus. E não tardou muito tempo que a não fossem todos descortinando, e vendo-a avultar. Viram logo crescer um cerro de forma arredondada, ao qual o capitão, attendendo á festa que acabava de solemnizar, deu o nome de *Monte Pascoal*. Eram horas de vespera e com o reflexo do sol, que se escondia se enxergavam distinctamente, serras mais baixas para o sul, e a signal se via a terra chã e vestida de sombrios arvoredos.

O leitor que julgue, já que o não póde experimentar, qual seria o alvoroço e assombro que esta visão produziu, desde o capitão-mór até ao infimo grumete, naquelles mil e tantos portuguezes suspensos sobre as aguas nos castellos ambulantes de madeira, que depois deram leis ao mundo. Aproaram a terra, e tendo navegado varios relogios foram ancorar a seis leguas da costa. E viram o pôr do sol effectuar-se entre as serras. Cedo veio a noite de 22 de Abril de 1500 em que se realison este descobrimento, segundo a narração ingenua e circunstanciada, feita a elrei por Pero Vaz de Caminha, que ia por escriptura para a feitoria de Calecut, e que sendo testemunha ocular, tem tambem a seu favor ser esta sua narração uma carta particular a elrei em que até lhe falla em negocios domesticos. E sendo escripta no mesmo local e occasião em que se passavam os factos, e não depois de decorridos tempos em que algumas miudezas poderiam ter escapado, é de tão ponderosa auctoridade que estando, de mais, em harmonia com a narração do piloto portuguez em Ramusio, deve em nossa opinião supplantar as dos mais acreditados escriptores que não foram coevos, incluindo nestes Castanheda, Barros, Goes, e até o mesmo Gaspar Correa, a quem seguiremos em muitos outros pontos, por ser o escriptor verdadeiramente original dos factos da India nos primeiros doze annos. Deste documento de Pero Vaz, já impresso, conserva-se o veneravel original na Torre do Tombo. E o primeiro escripto de penna portugueza

no Novo-mundo, e nesta historia o seguimos por vezes textualmente. Quanto pois á data do descobrimento dizemos afoitamente que erram os que seguindo a Marco, Gaspar Correa, Barros e Soares querem, deduzindo-a do nome dado á terra, que fosse a 3 de Maio, em que a igreja solemnisa a festa da Santa-cruz. Esta opinião erronea produziu um anachronismo de consequencia, que até em actos publicos voga indevidamente pelo Brazil. — Porem, como iamoz dizendo, chegara a noite — corria já quasi no fim o quarto de prima: — Pero Vaz na sua camara recostado com o cotovelo no coxim e o rosto na palma da mão, ideava o escrever uma carta ao seu rei. Tudo estava em socêgo — só se ouvia o susurrar da agua chapinhando nos costados da capitana — o ranger dosapparelhos nos moitões e quadernaes em virtude do balouçar da náu — o bocejar das vigias nos chapiteus de ré e d'avante que se conservavam sobre rolda — e os passos cadenciados do official de quarto que, andando pela tolda, e pensando na futura sorte daquella navegação admirava o estrellado firmamento do Novo-mundo, que reflectindo-se no mar deixava a frota entre dois mantos azues recamados de perolas e bordados de lantejoulas. E a briza suave refrescava o ar afogneado pelo ardor do sol durante o dia, e trazia bafagens terraes preñhes de balsamicos perfumes.

III.

A PESQUIZA DE PORTO.

Era o dia 23, o sol levantava-se do horisonte que terminava nas aguas, e ao mesmo tempo as náus levavam ferro — e dahi a pouco todas com os papaligos ferrados cortavam as aguas em direito da costa. A capitana, a náu Rei e as outras maiores iam a ré. — Já o sol ia alto, seriam dez horas, quando amainaram vélas e ancoraram obra de meia legua da praia, á foz de um pequeno rio que hoje chamam do *Prade*.

Todos olhavam attentos para a terra, reparando na gente que por lá viam andar, quando aos signaes da capitana, com bandeiras e flammulas nos mastaréis, sahia de cada uma das náus um esquife ou — como hoje se diz — um escaler cortando as aguas em direitura aonde era feito o chamamento. Conduziam os capitães de cada uma das náus convocadas por Pedr' Alvares Cabral a um conselho que logo teve lugar. O que nesse primeiro conselho disse cada um dos membros não se sabe; mas bem se collige que o seu fim era — o de verificarem o não conhecimento de existencia de terra por alli arrumada — confrontarem as derrotas e singraduras de cada náu — e ajustarem o termo médio da altura do sol por cada um delles alli observada, que acharam ser dezeseite gráus escacos — e finalmente de deliberarem acerca do que convinha fazer-se.

O que apenas chegou ao conhecimento do *vulgo* das náus foi o resultado. O capitão Nicoláu Coelho sabiu em um batel a terra, levando os interpretes para diligenciar haver falla da gente; porem estes não poderam conseguir fazer-se entender; porque eram só de linguas d'Africa, alli inteiramente estranhas. O capitão vendo que por azo do mar, que muito quebrava na costa, lhe não era possivel desembarcar, mandou deitar fateixa, e atirou para terra um barrete vermelho, uma carapuça que levava na cabeça, e um sombreiro preto; e os da terra lhe deram em trêco um toucado ou turbão de pennas, e um colar de continhas brancas: seriam ave-marias quando voltaram todos ás náus e contaram o succedido.

Era alta noite quando a atmosphaera se cerrou de nuvens que encubriram de todo as estrellas. Começou a levantar-se tão grande vaga de mar, e eram já as ondas tão furiosas, que os navios jogavam fortemente. A noite se affigurava cada vez mais horrenda; as nuvens carregadas corriam tendentes para o noroeste e principiaram logo a gotejar, e os pingos seguidos cahiam sobre as aguas com vehemencia e ruido. O vento sueste zunia varejando a enxarcea. Dissereis que a alguns estalaram as vergas, a outros arreventaram os cabres e ahustes — que esta náu partira o mastro, e aquella perdendo a ancora se vira forçada de lançar-se de mar em travez. Pois nada disso aconteceu. Apenas algumas das náus, e com especialidade a capitana, foram obrigadas da cagar, e a trovoadra passou sem lhes fazer nojo.

Nem por isso o sempre cuidadoso capitão deixou de se levantar ao render do quarto da modorra, para ver que tal era a cara do tempo. Já o aguaceiro (*) era passado. O piloto Affonso Lopes, que viu sobre a tolda da, já naquelle tempo nobre e privilegiada, banda de estribordo um vulto embuçado, que de cabeça levantada observava os astros, deduziu logo quem seria, e para elle se dirigiu.

«Já lá vai, senhor, o chuveiro que vos fez levantar; agora conto teremos bonança.» —

— Não é o que passou que me dá cuidado, respondeu o capitão-mór, é o que póde ainda vir, que somos mal surtos. —

«Assim é, senhor, estamos em costa aberta, e parece que o mar deve de aqui andar sempre de levadio. Entretanto em quanto cá estivesse Affonso Lopes podia V. S. dormir descansado, que elle faria aviso se se visse a Deus misericordia.» —

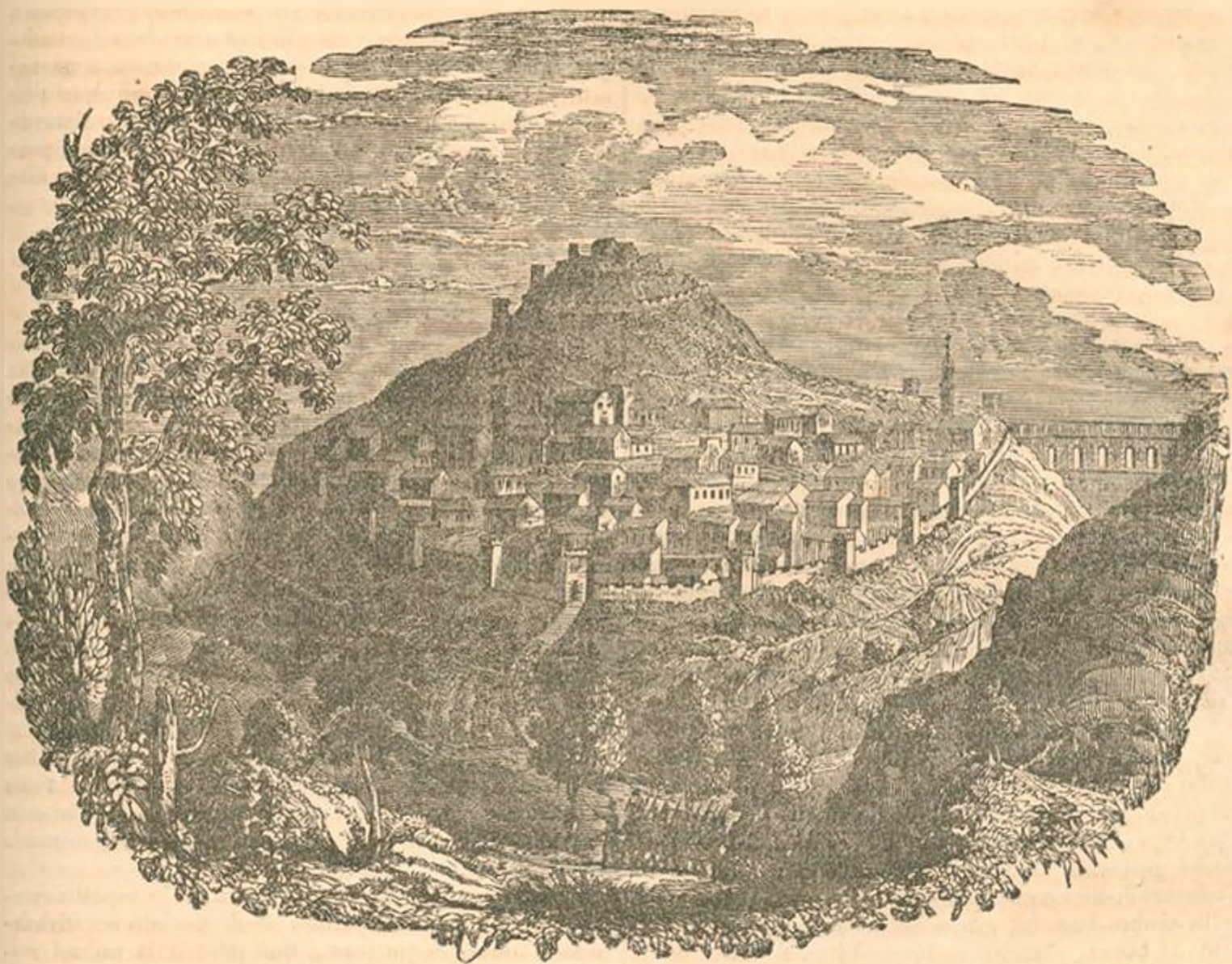
— Estou certo do vosso prestimo e vivacidade, Affonso Lopes, e por isso vos escolhi para piloto da minha náu; mas outra tengão me trouxe por aqui tão cedo. O alvorecer já não tarda, portanto apresentai-vos que havemos de levar ferro para buscar, aproveitando a feição do vento, algum porto seguro onde as náus surjam bem. Preparai-vos que haveis de ir para o menor navio que levámos, a fim de pesquisar um bom surgidouro.

Prompto, senhor; e queira Deus que não me venha outra aventura como...

Vamos, vamos, que é necessario dar as mais ordens. — E por tal modo foram dadas que como seriam oito horas as náus governavam já na volta do norte. Para o sudoeste ficava o Monte-pascoal, e na praia viam-se á foz do rio do Prade sessenta a setenta indigenas pasmados e como estupefactos com a vista de tão monstruosas embarcações — navegando em ala com os esquifes e bateis á popa. A capitana ia com todas as maiores náus a barlavento para irem mais arredias da terra. Tinham assim navegado obra de dez leguas quando encontraram uma bella enseada onde logo se metteram os navios menores, e com elles o nosso Affonso Lopes, e amainaram. O capitão-mór surgiu com os maiores fóra dos arrecifes, por não saber ainda se havia dentro sufficiente fundo, e tambem porque sendo já tarde se não quiz expôr a perigar nos recifes descubertos na baixamar, que offerrecem boa colheita fechando e escurdando a enseada da banda do mar, e delles ficou distante uma legua.

(Continuar-se-ha).

(*) *Chuvacciro* diz o nosso A., que escreveu em 1500. O A. não inventou por certo este termo só para esta occasião. Não vem nos dictionarios.



VISTA MERIDIONAL DA VILLA E CASTELLO DE MORELLA.

O REINO de Valencia, chamado o paraíso da Hespanha, e que na parte visinha do mar é sem contradicção um dos territorios mais excellentes da Europa, fértil e aprazível, e regado pelo Guadalaviar, está repartido, segundo a moderna divisão da monarchia hespanhola, em tres provincias denominadas, de Valencia, de Alicante, e de Castellon-la-Plana. Nesta ultima, perto de Aragão, está a praça de Morella, celebre actualmente pela guerra civil que devasta aquelles paizes. Como tem sido tão nomeada pelas gazetas nos resolvemos a dar a gravura que precede este art.^o, copiada da historia de Valencia de Cavanilles, e que representa a povoação e o castello.

A posição de Morella é, por natureza e arte, bastante defensavel. Entre muitos montes levanta-se um, desacompanhado por todos os lados: proximo á assomada está assentada a villa em forma de amphitheatro, cercada de torres e muralhas, sobressahindo entre a casaria o pinçaro escarpado e calvo onde é o castello. Quem se avizinhar ao povo, tendo atravessado o arroio, vê logo as ladeiras, caminho da praça: a principal é hoje facil de subir, o que se alcançou á custa de muito trabalho e despesa. Os edificios occupam a parte meridional do monte, e dilatam-se de leste a oeste formando ruas em arcos e semi-circulos, de sorte que ficam quasi horizontalmente as ruas circulares, e com muito declive as que cruzam estas d'alto a baixo.

Morella antes da guerra era uma das povoações mais consideraveis daquelle reino; muito sadia, e bem abastecida, porem extremamente fria. A sua industria principal consistia na fição de laões, e fabrico de mantas, cobertores, e estamenhas. Toda a população *intra muros* com a dos arrabaldes calculava-se em seis mil almas.

TOM. IV, FEVEREIRO 1. — 1840.

CHRONICA DO DESCURRIMENTO DO BRAZIL.

IV (*).

OS DOIS INDIGENAS.

O PILOTO Affonso Lopes, a quem Pedr'Alvares incumbira, como dissemos, de buscar e examinar algum porto seguro, logo que naquella entrou com os navios e caravellas se metheu no esquife, e com o prumo na mão mandava remar pela bahia. E tanto se foi chegando para o logar da terra onde via gente, que conseguiu apanhar dois mancebos indigenas que ali andavam em uma jangada ou almadia, formada a seu modo, de tres traves unidas. Um delles tinha um arco e varias setas, mas não se serviu dellas para resistir; pela terra andavam outros seus companheiros armados, que tampouco os pertenderam defender. Estes indigenas pertenciam á nação Tupiniquim, que então senhoreava este litoral desde o Rio-doce até o Canamú.

Morrêra a tarde com o trasmontar do sol: — era noite. A capitana chega Affonso Lopes no esquife, e atraca. Vem appresentar ao seu chefe os dois prisioneiros, que deviam ser hospedados a bordo aquella noite, para ver se delles se obtinha alguma informação. O cabello corredio, as feições regulares do rosto, a figura elegante do corpo, a forma afilada do nariz, e os seus extravagantes usos desenganaram logo a todos que aquella gente era, bem como a terra, totalmente desconhecida.

Deixando para os mais curiosos as bellas e ingenuas descripções da simplicidade desta gente, feitas por Pero Vaz de Caminha ao seu rei, as quaes todas

(*) Continuado da pag. 21, nonde na lin. 42 se deve ler D. João 1.^o e não 2.^o

revelam na forma e no estilo a religião e os costumes innocentes de nossos maiores, estimámos não poder resistir ao desejo de transcrever a sua seguinte narração de uma scena por elle presenciada. Prepare-se pois o leitor que vai ler um periodo escripto ha muito mais de tres seculos. —

«O capitão quando elles vieram estava assentado em uma cadeira, e uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um colar d'ouro mui grande ao pescogo; e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Ayres Correa, e nós outros, que aqui na náu com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa. Accenderam tochas; e entraram e não fizeram nenhuma menção de cortezia, nem de fallar ao capitão nem a ninguém. Però um delles poz olho no colar do capitão, e começou d'acenar com a mão para a terra e depois para o colar — como que nos dizia que havia em terra ouro. E também viu um castiçal de prata, e assi mesmo acenava para a terra e então para o castiçal — como que havia também prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz; tomaram-no logo na mão, e acenaram para terra — como que os havia ahí. Mostraram-lhes uma gallinha, quasi haviam medo della e não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes alli de comer pão e pescado cozido, confeitos, farteis, mel e figos passados; não queriam comer daquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-na logo fóra. Trouveram-lhes vinho por uma taça; puzeram-lhes assi á boca tam-a-lavez, — e não gostaram delle nada nem o quizeram mais. Trouveram-lhes agua por uma albarrada; tomaram della senhos bocados e não beberam — somente lavaram as bocas e lançaram fóra. Viu um delles umas contas de rosario brancas; acenou que lhas dessem, e folgou muito com ellas, e lançou-as ao pescogo. E depois tirou-as e embrulhou-as no braço: e acenava para terra e então para as contas e para o colar do capitão — como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamos nós assi pelo desejarmos; mas se elle queria dizer que levaria as contas e mais o colar — isso não queriamos nós entender; porque lh'o não havíamos de dar. E depois tornou as contas a quem lh'as deu. E então estiraram-se assi de costas na alcatifa a dormir... O capitão lhes mandou pôr ás suas cabeças senhos coxins, ... e lançaram-lhe um manto em cima. E elles consentiram e jouveram e dormiram.» —

E dormindo ficaram, de resupino, sobre a alcatifa e com o cubertor até o outro dia de madrugada.

Causa realmente admiração a tranquillidade d'espirito que mostraram estes dois prisioneiros. Não se assustam — nada temem; antes pelo contrario mui senhores de si sustentam a prática minica que tão chãmente descreve o bom Pero Vaz; e depois dormem a somno solto tão descansados entre aquella gente muitissimo mais adiantada em industria, e que viam pela primeira vez, como se foram entre os seus: — dava-lhes só algum tanto que fazer — coitados! — o não amarrotarem os seus ornamentos! Quão differente scena se nos affigura esta da presenciada em quasi todas as outras terras descobertas pelos europeus, nas quaes, como bem adverte um conhecido escriptor, os descobridores, se não metteram medo, foram tidos por deuses!

Como tínhamos dito, os indigenas ficaram dormindo. Sancho de Toar, e Nicolau Coelho despediram-se do capitão-mór para se recolherem ás suas naus. Simão de Miranda, Ayres Correa, Vasco da Silveira, Duarte Pacheco Pereira, e o João de Sá, que acompanhara Vasco da Gama, pouco e pouco se

foram despedindo, que eram cansados da viagem; e Pero Vaz retirou-se ao seu camarim aonde tinha que fazer. Era alta noite, e ao resoar da agua vassante, cortada na proa da náu, estava elle em pelote e embugado no ferragoulo escrevendo o periodo que acima deixamos transcripto, e mais algumas particularidades não menos elegantes e curiosas. — Depois recostou-se, e dormiu. —

V.

As isquinições.

Decorreu veloz a noite. E no sabbado de manhã começou a manobra tão cedo que nem houve muito vagar de disfructar os dois hospedes. Apenas sol nado, como soprava do mar uma aragem, as naus desferiram vellas e começaram a navegar, com destino de se irem reunir aos navios menores surtos na enseada. Affonso Lopes com a sonda ia de vigia no guirupéz da capitana, e dalli dava instrucções ao mariuheiro do leme para conduzir a nau por meia bôroa até entrar na abra, afim de a resguardar bem, [ainda que a entrada era larga] de tocar os baixios. Estavam ja proximos aos navios fundeados, quando o vento escaceou e cedeu o logar a uma viração galerna e suave, que se seguiu, offerecendo um magestoso espectáculo. As naus que iam com as vellas desfraldadas as colheram repentinamente, e todas lançaram ancoras nessa famosa enseada, que com tanta justiga houve lembrança de ser denominada *Cabrália*.

O mar era mui chão; e o seu bello aspeito condizia bem com o pallido azul do sereno firmamento limpo de nuvens, que permittia ao sol resplandecente dardejear livre seus raios puros e mornos de outomno — fazendo contraste aos ardentes calores do verão. A imaginação mais fertil e viva, a poetica inspiração mais feliz, o pintor mais habil e delicado, prestando-se todos auxilios mutuos, difficilmente poderão reproduzir o panorama sublime que neste momento se desenvolveu aos olhos destes descobridores. E a verdura da terra já de si matizada, com o mesmo verdor em infinitas gradações, era realçada pela immensa variedade de flores de todas as cores e qualidades, que tanto distinguem a espontanea e vigorosa vegetação da America meridional, cuja só vista seria capaz de habilitar pintores, inspirar poesia e avivar imagens ao que estivesse possuido dos sentimentos generosos de que os nautas iam animados. Fundearam. E, como era bem de ver, vieram todos os capitães cumprimentar a Pedr'Alvares, que lhes appresentou logo os dois figureiros que tinha a bordo. Estiveram praticando acerca destes, e concordaram na congruencia e prudente politica de os pôr logo em terra para que os seus se não persuadissem que eram mortos ou retidos presos; e igualmente combinaram que seria de conveniencia, para não amedrentar aquella rude gente, que se não disparassem bombardas, arcabuzes, espingardas, nem outros tiros de fogo.

Pedr'Alvares depois de fazer aos dois hospedes toda a casta de favores, chegando a vesti-los de camisas novas e carapugas vermelhas, e a dar-lhes campainhas, cascaveis, e até rosarios de contas brancas d'osso, que elles logo puzeram nos braços, ordenou aos dois capitães mais experimentados, de quem ao diante diremos, que os acompanhassem a terra e ahí os deixassem com todos estes mimos, alem do que tinham trazido. Assim os queria ir captivando pelo interesse, porque se persuadia ser esta principal alavanca, que move os povos, tanto mais mar

terial quanto mais materiaes são os homens. Determinou da mesma sorte que n'um dos bateis fosse também o nosso Pero Vaz de Caminha, — provavelmente porque, penetrando-lhe a muita agudeza, cortezia, e tal espirito observador, que nascido neste seculo faria grandes serviços na carreira diplomatica, quiz não só auxiliar com alguma feliz lembrança sua os dois capitães, como — e o que é mais natural — offerecer-lhe occasião de obter algumas inquirições da terra e dos habitantes — pois, segundo bem se persuadia, Pero Vaz não deixava de observar attentamente, com o intuito de fazer mais minuciosa narração na carta que escrevia a elrei. Juntamente mandou que fosse um certo mancebo, que ia degradado, chamado Affonso Ribeiro, com instrucções de acompanhar pela terra dentro os dois indigenas, levando uma bacia pequena com duas ou tres carapugas vermelhas para presentear o superior ou chefe se alli o houvesse, e com insinuações de examinar o seu viver e maneira.

Logo que os bateis se aproximaram a terra acudiram alli obra de duzentos homens, á feição dos botocudos (*) e extravagantemente pintados — ao modo das outras nações daquelle continente, com o incarnado do urucu e o preto do genipapo; e todos armados de grandes arcos e setas. Os dois que iam nos bateis acenaram-lhes que se afastassem e que depusessem os arcos; porem só obedeceram a esta ultima recommendação. Logo que os bateis vararam, os dois pulando para terra se pozeram immediatamente a correr qual delles mais e sem esperarem um pelo outro; passaram um rio, e com alguns dos seus se foram ajuntar a outros que estavam entre uns coqueiros, e abi pararam.

O pobre Affonso Ribeiro, que sahira com os dois, dirigiu-se sosinho a um homem que logo o agasalhou, o qual «era já de dias, e andava todo por louçainha cheio de pennas pegadas pelo corpo, que parecia assetado como S. Sebastião.» — Este velho o conduziu aos seus, que o não quizeram consentir lá, e por isso teve de voltar immediatamente em companhia dos dois que tinham ido, já nus e sem carapugas; porem estes tornaram outra vez a desaparecer. Dahi a pouco entraram a vir e a aproximar-se muitos, mettendo-se pela beira do mar até que mais não podiam, trazendo cabagas d'agua, e indo mesmo encher os barris que dos bateis lhes davam: — só tinham seu receio de se achegar demasiado a estes, e por isso não as entregavam bem mão a mão.

Como pedinchavam a todo o instante alguma coisa, recebiam com grande satisfação cascaveis, manilhas, e mais dizes, que sempre, para os pretos, traziam de veniaga os exploradores portuguezes nas costas d'Africa. Igualmente alboreavam as suas armas e ornamentos por sombreiros e carapugas de linho; e esta scena de trafico, que caracteriza as primeiras e as ultimas relações dos europeus com os povos rudes que encontravam, se vê também começar a representar neste novo theatro, cujo palco foi agora pizado por christãos, sendo um degradado portuguez o actor que o estreou. Por esta occasião, segundo diz Pero Vaz, andavam entre elles tres ou quatro moças bem moças e bem gentis, com cabellos muito pretos, compridos pelas espaldas... que a muitas mulheres de nossa terra vendo-lhe taes feições fizera vergonha. Entre estas bellas que Pero Lopes de Sousa dissera não terem «nenhuma inveja ás da Rua Nova de Lisboa» sobresahia uma de tão extremada formosura que alliciou os olhos de todos, e com especialidade os de

certo joven portuguez, o qual desde este momento, em que pela primeira vez a viu, ficou com a sua presença tão gravada que começou a nutrir em seu peito uma sympathia amorosa, que teve successivos desenvolvimentos.

Entretanto por acenos que fizeram dos bateis, todos estes indigenas se afastaram e deram occasião a que sahisses tres ou quatro homens a encher d'agua os barris que levavam. Já os bateis volviam ás náus quando os da terra deram signal para que tornassem, o que os fez voltar. Chegaram-se trazendo o degradado Affonso Ribeiro com tudo quanto havia levado para fazer o presente. Foi naturalmente um sentimento de gratidão que os conduziu a praticar tal acção — talvez assim o respeitaram em recompensa do bom tratamento dado aos seus dois concidadãos. —

Um dos capitães ordenou então que o degradado fosse de algum modo fazer a entrega das cousas que levava; este o cumpriu sem demora dando-as ao velho que, como dito é, primeiro o agasalhara quando saltou em terra. Um dos bateis o recolheu então e remaram todos de volta para as náus, a deitarem suas contas ao que se passara, e conjecturas acerca do que aconteceria.

Quando abordaram estava a tocar a sineta da proa que declarava ser chegada a hora da comida; dirigiram-se ao capitão-mór, o qual os convidou para a sua meza e entreteveram muito a conversação com Pero Vaz. Nesse dia provaram agua fresca, que havia um mez que a não viam. De tarde não foi permitido ir gente á terra. E só Pedr'Alvares com os outros capitães e alguma gente da sua náu, tendo-se decidido a escolher um lugar conveniente para se dizer a missa no outro dia, que era domingo, foi, aproveitando a deliciosa e bella tarde, barquejar pela enseada a carão da praia. Chegaram á coroa de areia e cascalhão raras vezes sobreaguada, que está um pouco distante da terra firme, a qual foi unanimemente escolhida; não só para estarem mais resguardados de qualquer desacato que osassem tentar os indigenas, ainda não bem conhecidos, como ainda de por ventura poderem fazer o acto mais pomposo. Alli se demoraram folgando talvez hora e meia, entreteendo-se alguns a pescar: — era bem noite quando voltaram ás náus. Pouco depois tocou ao terço, e no fim deste se transmittiram as ordens para que no outro dia fossem todos á missa com a solemnidade e respeito devido a tal acto.

(Continúa.)

OS TORNEIOS DE BRAGA.

1.º

O FORASTRIRO que na segunda semana do mez de Junho de 1627 entrasse em Braga, e visse alli reunidos tantos nobres cavalleiros d'Entre Douro e Minho, tão luzidos em atavios, librés, e custosas gal-las; e visse o alvorogo do povo, o borbordinho das turbas; não deixaria de perguntar se por ventura haveria ali casamento de algum principe ou grande senhor. Mas prestes se desenganaria de que outro era o motivo de todo este brilhante apparato. A augusta Braga, a primaz das Hespanhas, preparava-se a receber em seus muros o seu novo prelado e senhor, o illustre D. Rodrigo da Cunha, ornamento da igreja e das letras lusitanas, que tendo deixado carregadas de beneficios e de saudades as suas antigas ovelhas de Portalegre e do Porto, era agora elevado a primaz das Hespanhas, e estava ainda destinado para prestar mais valiosos serviços á patria na cadeira archiepiscopal de Lisboa. Os bracharenses,

(*) Vej. sobre os botocudos o que diz o Pan. Num. 52, pag. 129.

hos correndo para o mar, desfeitos como um dilúvio de terras e seixos, submergiram quasi toda a villa, escapando apenas um bocado d'arrabalde, da ribeira para o Poente, onde logo se começou a edificar a nova villa. Nesta fatalidade pereceram 4 a 5 mil pessoas. Em 1563 rebentou o volcão do *Pico-do-ga-pateiro*, vomitando por dias inteiros torrentes de lava e areias, que iam parar ao mar seguindo a direcção do lugar da *Ribeira-secca*. A erupção dos dois picos proximos, de *João Ramos* e do *Pujo*, esterilizou em 1652 alguns terrenos ao nordeste de *Rosto-de-cão*. Em 1720 e 1755 soffreu a ilha espantosos abalos de terra, que destruíram muitas habitações. Em Fevereiro de 1810 houve uma pequena erupção ao sul do *Pico-dos-ginetes*.

A existencia dos volcões sub-marinhas, que foi por muitos contestada, demonstrou-se pelos que rebentaram nas visinhanças de S. Miguel. Em nossos dias, Junho de 1811, junto á costa occidental e á ponta da *Ferraria*, depois de repetidas explosões sub-marinhas, acompanhadas da ejeção de enormes columnas d'agua, fumo e pedras, appareceu um ilheu, que chegou a ter a altura de 300 pés, e de circumferencia pouco mais ou menos um quarto de legua: no cimo estava a pequena cratera, que era uma caldeira d'agua fervente. Os officiaes de uma embarcação de guerra ingleza, que o observaram, puseram-lhe o nome de ilha sabrina, e tomaram posse della; mas no meado de Outubro desapareceu este novo dominio britannico, abysmando-se na profundidade do oceano.

Presente estará á memoria dos leitores a invasão subitanea do mar em 5 de Dezembro do anno passado, que occasionou graves prejuizos em muitas propriedades e armazens de Ponta-Delegada; e não só nesta cidade, mas em toda a costa do sul da ilha; no concelho de Lagoa, no de Villa-Franca do Campo, e em outras paragens. Entumesceram-se as aguas prodigiosamente, e correram sobre a terra com rapidez e forga quasi incriveis, causando uma inundação que arrazou o paredão que abrigava o porto do areal de S. Francisco, e a praça da feira do gado, fazendo grandes estragos no castello de S. Braz e outras fortificações, no caes e edificio da alfandega; alagando e assolando muitas habitações na cidade, e nos pontos já indicados, proximos ao mar. Felizmente apenas houve a perda de uma só vida. Este phenomeno devastador teve sem duvida origem n'alguma forte concussão que experimentou o leito do mar, produzida pelos fogos subterraneos.

Na ilha Terceira tem diminuido a violencia dos terremotos, talvez que em rasão dos respiradouros das caldeiras do Paúl. Por ocasião da erupção de 1563 em S. Miguel, de que fôra preludio o terremoto em Villa-Franca, tambem a Terceira sentiu fortissimos abalos. Da erupção que destruiu a aldea da *Urselina*, na ilha de S. Jorge, em 1803, demos circunstanciada noticia a pag. 251 do 2.^o vol.; e do celebre volcão do Pico trataremos em seu devido lugar. A ilha do Fayal soffreu por uma vez somente, em 1672, os estragos do fogo subterraneo, que rebentou na Praia do Norte.

Uma singularidade tem o solo açoriano, e é que em todo elle se não cria um só animal venenoso.

CHRONICA DO DESCUBRIMENTO DO BRAZIL.

VI.

A FESTA DA PASCOELA.

Com toda a jucundidade dos climas tropicaes ama-

nhecêra o dia 26 de Abril que no anno de 1500 acertou de ser, do mesmo modo que neste de 1840 em que isto escrevemos, (*) o domingo da pascoela. Ainda não era bem sahido o sol, já os cirurgiões da armada preparavam agua morna e afluavam as navalhas, para ensaboarem as caras e bem ou mal avia-rem as barbas á chusma das náus que com todo o accio e decencia devia assistir á missa: e apesar de que já de vespera tivessem á cautela alguma obra feita, não eram poucos os carões que lhes ainda faltava esfolar, nem poucas as pragas que deviam ouvir, especialmente um delles que não podia dar o mais leve safanão sem que se dispozesse logo a aturar uma roda de apupadas por christão-novo; — novissimo era elle, que renegára o judaismo em consequencia da barbara e impolitica lei de 1497 (**). A cirurgia não estava ainda tão nobre como hoje, e alguns dos seus alumnos predilectos muito se honravam quando ao nome de barbeiros podiam acrescentar o de sangradores. Nesta occasião as boticas de pouco serviam, as lancetas quasi que se enferrujavam nos estojos, mas isso tudo custava caro ás pobres navalhas, que o pagavam.

Retomemos porem o fio da historia.

Viera o sol: as náus mui bem aparelhadas, e guarnecidas de pavezes de cores igaram bandeiras nos mastareus, e este foi o pregão annunciador das festas daquelle dia. Pedr'Alvares deu ordens para que no ilheu se fosse armar um esparavel, e incumbiu aos padres e religiosos, que eram por todos dezoito, preparassem dentro um altar decente, servindo-se do retabulo da Piedade, que levavam na armada. Quando estava tudo prompto, e já os marinheiros lestes e com as barbas mui bem escanhoadas, fez o capitão-mór transportar todos para o ilheu apazado, excepto a gente indispensavel para a guarnição das náus.

Eram dez horas e já neste esplendido arrayal, cercado d'agua, andavam com as competentes galas e atavios os fidalgos e seus pagens, os capitães, cavalleiros e escudeiros, os pilotos, sotapilotos e mestres, os homens d'armas, e finalmente muitos marinheiros e grumetes. Todos entretidos de varios modos estavam preparados para ouvir a primeira missa que se ia dizer naquellas terras nunca dantes trilhadas por povo algum civilisado.

Para melhor fazermos idea do luzido aparato de toda esta festa, é necessario que risquemos da imaginação as nossas actuaes modas dos bailes — estas casaquinhas á ingleza tão monotonas como a testanção que as introduziu; e que com a fantasia remontemos alguns seculos, a fim de ter bem presente os ricos trajes que abrilhantavam este bello quadro.

Começando pelo capitão-mór — nunca assim tão luzido se tinha visto nas mais estrondosas festas de Santarem: a alta dignidade que ora occupava este nobre senhor de Belmonte, fidalgo da casa real, que até de alguns dos seus subditos recebia o tratamento de *senhoria*, lhe facultava mais liberdades nos vestuarios; e com isto obedecia á recommendação d'elrei — que ulardeasse a maior riqueza que podesse. Estava Pedr'Alvares com a sua opa de brocado, das que naquelle tempo muito se usavam, sobre o gibão de seda verde bordado de ouro. Vestia calças imperiaes de veludo castanho escuro forradas de tafetá cõr de mel com debruns prateados, e cin-

(*) E' mui curiosa esta coincidência das festas mudaveis e letras dominicaes dos dois annos. E o mais é que não tinhamos a principio dado por tal.

(**) Veja-se a *Ord. Manuel. Liv. 2.^o Tit. 41*, e o que diz o bispo Osorio no *Liv. 1.^o De rebus Emmanuelis* a tal respeito.

gia por cima do gibão uma faixa de seda para cubrir o talim que lhe suspendia a espada dourada, com o punho e maça entretalhados. Ao pescoço tinha o precioso colar para que tanto apontavam os indigenas; e na cabeça um sombreiro preto com caireis pela borda, guarnições na capa, e uma pluma branca inclinada sobre o lado direito. Calçava sapatos afivelados.

Os outros fidalgos trajavam pelo mesmo theor, com menos alguma riqueza, gibões e calças de roca de sedas de varias cores, e debruados com passamanes antorchados; capas de veludo com cabeções bordados, sombreiros, &c. —

Os que tinham a dignidade de cavalleiros da casa d'elrei, em cujo numero entrava tanto o nosso Pero Vaz, que o era, como os pilotos e capitães dos navios particulares de conserva, uns vestiam gibões lizos e calças de panno com golpes direitos, forrados de tafetá e de um só debrum, cubertos com tabardos e capas de um só pesponto ordinario; e outros que pertenciam á gente d'armas usavam couraças, bragaes, saios e calças de malha com seus coxotes; calçavam botas ou borzeguins altos, e guardavam a cabeça com cascos de habearas. Deste modo estavam tambem, com pouca differença, os escudeiros, besteiros e mais homens d'armas. Andavam igualmente por alli os marcantes vestidos de camizas limpinhas desse dia, em pellotes e de carapuças de linho, que no quadro que pintamos serviam de muito para offerecer o contraste.

Já no altar luziam accesas as velas e tochas: pouco tardaram os padres, que se estavam revestindo. Segundo nos consta por documentos e provas confirmadas pela arte de verificar as datas, e reconhecidas valiosas pelo grande crítico J. Pedro Ribeiro, a vestimenta era branca, bem como o ha-de ser este anno nesse dia. A honra de celebrante coube a quem devidamente compelia; — ao P.^o Fr. Henrique Soares, varão de vida mui religiosa e extremada prudencia, que ia por custodio e guardião dos oito franciscanos da armada. A ordem de S. Francisco não esquecerá tal facto nas suas chronicas e annaes, e ainda que alli não proseguir, foi incontestavelmente um dos seus filhos quem entoou esta nomeada missa, tendo por acompanhamento unico, em vez dos sons do organ sonoro, o ruido do mar quebrando-se na costa, e rojando com areás e pedrinhas as suas ondas crespas e espumosas, que depois de varrerem a praia com rouquenho murmurio, se tornavam, escorregando por ella, a ser confundidas pelas que o oceano novamente appresentava, para as afrontar.

O sol brilhava com raios vivificadores, o dia estava claro e sereno e nem que prevenido para suprir a falta de um templo abrigador. E que sumptuoso templo ha ahi que infunda mais religião do que o grande templo da natureza? Esse architectado pelo creador — que tem por solo o mar e a terra — que tem por tecto a magnifica abobada celeste? . . . Alli se via o indispensavel para a prática das ceremonias religiosas, sem muitas imagens que distrahissem a attenção. Era um só altar, com um só retabolo e a symbolica e consoladora cruz! Nem mais era preciso, nem então possivel. —

Pedr'Alvares foi immediatamente tomar o seu lugar da parte do evangelho, sustentando levantado o pendão da ordem de Christo, que elrei por suas proprias mãos lhe confiara depois da festa de Belem, em que o Bispo D. Diogo Ortiz de Cazadilla o benzêra.

Já os oscillantes thuribulos espalhavam fragrantas nuvens de incenso, que em rolos subiam tão direitas como o fumo dos sacrificios de Abel. —

Qualquer leitor catholico sabe as ceremonias que segundo o ritual romano se succedem na missa, e tudo o que compete tanto ao celebrante como aos diáconos e subdiáconos; e por isso calaremos o seguimento destas particularidades. Imaginemos só que cada rito lhes remomerava um pensamento, ao mesmo tempo que religioso, mui nobre para peitos generosos — « o haverem descoberto uma grande parte da terra onde um dia seria plantada a sua religião, prégada pela sua lingua áquelles gentios. »

Chegou finalmente a occasião em que Fr. Henrique Soares garganteou de cór e com toda a regra e pontos do cantochão o — *ite, missa est.* — Mas acabou de ler o evangelho de S. João, fizeram-se as reciprocas cortezias do fim da missa, e nem por isso os seus devotos obedeceram ao seu — *ite* — nem por isso se foram; porque estavam prevenidos que havia de haver sermão.

E pouco se demorou a desvestir-se. Subiu então em uma cadeira alta — e dos seus amados ouvintes, uns se sentaram, outros, como poderam se estenderam pela arêa. Nisto estavam, quando ouviram da terra firme rijos tangeres de bozinas: eram os indigenas que se divertiam e folgavam a seu modo: saltavam, retouçavam, bailavam, e até alguns, sem ousarem empegar, se mettiem em suas almadias. — Acabado este reboligo, Fr. Henrique, que estava no tal pulpito provisório, desceu o capuz e começou *uma solemne e proveitosa pregação da estorea do evangelho, e em fim dela traulou da nossa vynda e do achamento desta terra, a qual veio muito a proposito, e foi ouvida do mesmo modo que a missa com muito prazer e devacom.* »

Todavia durante este tempo alguns de consciencia mais pura e que para terem contrigão não dependiam das prégações de Fr. Henrique, não deixaram de andar pela agua aos camarões; e entre os apanhados veio na rede um de tão descommunal grandeza que foi digno — já depois de estar digerido — de recommendação especial n'uma carta escripta a um rei. Se a felicidade consiste só na fama — oh que tão feliz camarão depois de morto! . .

Mas leva de graças — *victor-serio!* — pois Fr. Henrique, que ha-de um dia empunhar o baculo de Ceuta, está prégando. Já vai quasi no fim: falla misteriosamente daquelle descobrimento — trata do modo como o Deus de Affonso Henriques, que escolhêra a nação portugueza para christianisar a Africa e a India, lhes offerecia mais aquella terra — tirava, em uma palavra, toda a gloria aos seus ouvintes e ao seu chefe, para a depositar nas mãos de Deus. Santos tempos em que os homens praticavam tantas gentilezas, sem jámais as attribuirem immediatamente a si proprios!

Até que finalisou, e foi satisfazer ao mui louvavel mandamento dos prégadores — o do *quod ore* no fim, em quanto todos os mais passaram a recrear-se de varios modos. —

Desmanchou-se entretanto a barraca e o altar, e todos em procissão e com solias se metteram nos bateis, mui bem toldados e embandeirados, e foram seguindo ao longo da terra para melhor examinar os que por lá andavam. Os bons indigenas depunham os arcos em signal de paz, mettiem-se pela agua, acenavam por todos os modos, fazendo muitas solias para que se achegassem áquella terra acolhedoura. Como porem passava de meio dia, todos os bateis, por ordem do capitão-mór, remaram para as respectivas naus ao toque de charamellas, gaitas e trombetas. — O sol estava quente e o mar já banzeiro.

A despedida notificou Pedr'Alvares aos capitães que de tarde haveria conselho, porquanto tinha que

propor assumpto de transcendencia. Foram pois tomar alguma refeição e preparar-se para as discussões que deviam de sobrevir. Ainda então não havia o

louvavel costume de dar o assumpto da ordem do dia, que a tanta gente faz conta!



O REI CANUTO REPREHENDENDO OS LISONGEIROS.

CANUTO, por antonomasia *O Grande*, reinou, no principio do seculo undecimo, em Dinamarca, Noruega, e Inglaterra ao mesmo tempo, tendo estabelecido o seu dominio nestes dois ultimos paizes, ao principio pela forza das armas, e depois pela sabedoria do seu governo. Por sua morte em 1036 repartiu entre os seus tres filhos aquellas tres cordas. Na sua mocidade foi um principe valente e conquistador: depois de ter subjugado os inglezes, apossou-se do throno da Noruega, fez tributarios os Suecos, e compelliu o rei da Escocia a prestar-lhe homenagem. Foi dos monarchas poderosos do seu tempo: os bardos do norte cantavam as suas proezas, e os lisongeiros da corte dano-britannica o atormentavam com exaggerados louvores. Porem Canuto, que sabia devidamente apreciar as vaidades humanas, e que affeito a contemplar as maravilhas da natureza se tinha acostumado a admirar o Creador nas suas obras, quiz dar uma lição aspera e convincente aos cortesãos que o adulavam. Mandou para este intento collocar na praia, quando a maré enchia, a sua

cadeira magestática, e sentando-se rodeado dos grandes de seus reinos, e dos principaes de sua casa, que com elle passeavam, voltando-se para o mar proferiu estas palavras: *« Oceano, esta ilha, onde assentei o meu solio, é minha; e tu és parte do meu dominio. Nenhum subdito meu resiste ás minhas ordens: eu te mando portanto que nem subas por estas minhas praias, nem ouses mothar a orla dos meus vestidos. »*

Baldada porem foi a intimação, porque não era aquelle o Senhor a quem as vagas obedecem; a maré foi crescendo, e uma onda mais forte alagou os pés de Canuto. O monarcha aproveitou a circumstancia para rebater a lisonja dos seus cortesãos, dizendo-lhes com voz grave e aspecto severo: *Reconheçam todos os moradores da terra que só é Grande e Supremo Senhor, e só é verdadeiramente digno de ser honrado com o titulo de Magestade AQUELLE, a cujo aceno, a cujas leis sempiternas, os ceus, a terra, o mar, com todos os viventes, obedecem promptamente.* Esta scena interessante passou-se no porto de mar de Inglaterra, chamado Southampton.

vincias de Hespanha, onde se fundaram e dotaram muitas casas desta ordem.

Tambem em Portugal foi admittida a nova milicia logo de seu principio, porquanto sabendo os cavalleiros como elrei D. Affonso Henriques estava cercado em Santarem por elrei de Sevilha, com um poderoso exercito de mouros, o vieram soccorrer, e se houveram com tanto valor que elrei D. Affonso em gratificação deste beneficio os recebeu no reino, e lhes fez muitas doações.

Teve a ordem, no que toca a Portugal, seu primeiro assento em Lisboa no mosteiro de Santos o velho, onde permaneceram os cavalleiros até o tempo d'elrei D. Affonso 2.^o, em que se mudaram para Alcacer do Sal, quando esta villa se ganhou aos mouros: daqui passaram para a de Mertola no reinado de D. Sancho 2.^o, até que em 1482 se estabeleceram no convento de Palmella, que ficou sendo cabeça de toda esta religião.

Imitaram a grandeza d'elrei D. Affonso Henriques seus successores, e em particular os reis D. Sancho 1.^o e 2.^o, em cujos tempos foi esta ordem mui favorecida e dotada, continuando comtudo os cavalleiros portuguezes a ficar sujeitos aos Mestres de Castella, até que no reinado d'elrei D. Diniz alcançaram uma bulla de isenção, expedida pelo papa Nicolau 4.^o em 1288; foi porem deferida a sua execução até o anno 1291, em que estes cavalleiros elegeram por seu primeiro Mestre a D. João Fernandes. Os papas Celestino 5.^o e Bonifacio 8.^o, successores de Nicolau, uniram de novo a ordem de Portugal á de Castella, movidos pelas instancias do Mestre castelhano; reclamando porem os portuguezes contra esta sugeição, obtiveram outros breves e favores dos mesmos pontifices com que foram continuando na eleição dos seus Mestres, até que averiguados pelo papa João 22.^o os fundamentos que havia para se eximirem da obediencia de Castella expediu a bulla de separação no anno de 1320.

A profissão que faziam os cavalleiros ou freires leigos era a mesma que a dos freires clerigos, salvo que estes prometiam castidade absoluta a differença daquelles que a faziam conjugal; e assim ficou o mosteiro de Santos de Lisboa deputado para recolhimento das mulheres e filhas dos commendadores quando iam á guerra: deste convento antigo se mudaram para o de Santos o novo em tempo de D. João 2.^o O papa Gregorio 13.^o relaxou o voto de pobreza, concedendo-lhes o privilegio de poderem testar de todos os seus bens.

As condições que devia ter o que recebia o habito vem expressas nos estatutos reformados pelo senhor D. Jorge, duque de Coimbra, Mestre d'Aviz e Sanctiago, filho illegitimo d'elrei D. João 2.^o (::), aonde no cap. 4.^o diz o seguinte:

«A nossa santa ordem em seu principio foy estabelecida e fundada per cavaleyros nobres e de grande linhagem, os quaes ordenaram que os que a ella ouvessem de ser recebidos fossem pessoas fidalgas e cavaleyros de boa geraçam e bons costumes, taes que podessem exercitar ho auto de cavalaria e servir a ordem. E querendo nos conformar com este costume antigo estabelecemos e ordenamos que as pessoas a que se ouver de lançar ho habito tenham as calidades sobreditas; e alem disto que elles e seus pays, mãys e avos dambas as partes nam fossem judeus nem mouros; mas se algum alumiado da graça de Deus se converter a nossa santa fe, e for tal pessoa de que a ordem seja servida ou honrrada, em tal caso o podera o mestre receber a ella.»

(::) Estes estatutos sahiram impressos em Lisboa, anno 1548, na officina de Germão Galharde.

E no cap. 5.^o:

«Toda pessoa que ouver de receber ho abito nam sendo pera clerigo, e sendo mayor de quatorze anos, mostrara como he armado cavaleiro antes de tomar ho abito, e quem o armou se tinha poder pera yssó. E nam ho sendo passara o mestre sua carta pera hũ cavaleiro da ordem o fazer, e quando ho ouver de fazer sera nesta forma: Em hũ mosteiro ou ygreja, diante de hũ altar; e avera hy outro cavaleiro do abito ao menos, afora ho padrinho, e este cavaleiro lhe calçara as esporas: e sendo presentes dous alem do padrinho cada hũ lhe calçara hũa espora, e o padrinho lhe cingira a espada, e entam assentarseha em giolhos o que ha de ser feyto cavaleiro e ho padrinho lhe pora ho capacete e tirarlheha a espada da baynha, e tendo-a na mão lhe dira: F. que-reis vos ser cavaleiro? — respondera sy. Dirrlheha mays: aveis de prometer que polla sancta se catolica nam arreceys a morte quando comprir, e assy per vosso rey e per vosso mestre e ordem, e pella defensam da repubrica: — e respondera que assy ho promete. Darlheha entam o padrinho com a espada no capacete hũ golpe dizendo Deus vos fuça bom cavaleiro, e tornarlheha a metter a espada na bainha. Levantarseha entam ho novo cavaleiro, e dara paz na face ao padrinho e aos outros cavaleiros e pessoas da ordem que forem presentes, dizendo a cada hũ *pax tecum* — responderlhe-ão *et cum spiritu tuo*.»

O habito dos cavalleiros é uma espada corada em forma de cruz, segundo as guarnições das espadas antigas, e uma das principaes obrigações que tinham era de o trazerem sempre sobre os vestidos ordinarios, e tambem sobre o manto branco nos actos ecclesiasticos. O patrimonio da ordem estendia-se a quarenta e sete villas e logares, com cento e cincoenta commendas, de que lhe fizeram mercê os reis deste reino em gratificação de seus bons serviços.

Do primeiro Mestre D. João Fernandes, que foi eleito depois da separação da ordem, até o senhor D. Jorge, duque de Coimbra, foram em Portugal dezeseis: por morte do duque se uniu o Mestrado á coroa, tendo precedido bulla para esse fim do summo pontifice Julio 3.^o Depois da dignidade de Mestre seguia-se a de Prior-mór de Palmella, que era das mais auctorizadas do reino: o papa Leão 10.^o lhe concedeu uma jurisdicção quasi episcopal, ainda que só a respeito do convento desta villa.

Em um terceiro artigo fallaremos da instituição da ordem de Christo.

CHRONICA DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

VII

O CONSELHO.

«Ou se esqueceram ou entenderiam mal as minhas ordens.» Taes expressões em voz quasi imperceptivel soltava o capitão-mór, quando ao chegar ao cimo da escada da camara não encontrou nenhum dos convocados. —

Seriam duas horas da tarde: já se começara a distinguir o descenso do sol. O tempo continúa sereno; e o mestre André Gonsalves faz equilibrio a tal serenidade andando de volta com os mariantes, e zurrando os que não cumprem o seu dever. Na tolda estão quatro cavalleiros chegados á amurada e proximos ao chapiten de ré, a deitar contas á sua vida. São as auctoridades administrativas nomeadas para a feitoria de Calecut, que discorrendo sobre a possibilidade de não irem desta feita exercer seus cargos, sustentam altercações acerca de varios assum-

ptos de fazenda. O feitor-mór Ayres Corrêa e o escrivão da receita (*) Affonso Furtado questionam calorosamente; mas Pero Vaz de Caminha parece estar alli só por condescendencia, e o outro escrivão Gongalo Gil Barbosa, que a final veio a ficar em Cochim, apenas de quando em quando profere algum indifferente monosyllabo.

Em quanto passavam distrahidos com estas questões, tinham atracado da banda de bombordo varios hateis; seguiram-se immediatamente os mais; e os capitães chegaram todos quasi a um tempo, o que nasceu de uma combinação acintosa promovida por Sancho de Toar. Pedr'Alvares sem nada descer da sua posição os veio receber com respeitosa attenção, e conduziu-os á sua camara, convidando para assistirem igualmente ao conselho os empregados da feitoria que estavam na tolda. Todos trajavam ainda do mesmo modo que tinham ido á missa.

O capitão-mór occupou a melhor cadeira, tuxiada de madeiras embutidas e posta sobre a alcatafia, em que haviam dormido os dois indigenas: e logo que os mais membros se accomodaram, lançou um olhar grave para tão luzido conselho, e tomou deste modo a mão em tom mui solemne:

— «Senhores, que participaes da gloria de havermos descoberto para o nosso rei e nossa patria este paiz desconhecido não só dos egypciões, gregos e romãos, como não imaginado do magnanimo duque de Vizeu, nem do vosso companheiro Gaspar Corte-Real [conforme já concordámos na conselho de quinta feira]; nem tão pouco dos castelhanos, que ainda não ha muito induzidos pelo genovez Colombo, [cujas propostas fundamentadas em dois erros (:)] rejeitaram os nossos cosmographos, que mais instruidos os reconheceram], navegando á ventura, e á mercê das aguas e dos ventos, tiveram a fortuna de achar ao norte da linha varias ilhas que não esperavam, e agora proseguem por alli suas explorações com vantagem. Esta grande terra porem, que ora encontrámos tanto ao sul, é-lhes inteiramente desconhecida, e honrará para sempre a nossa memoria; mas tal honra subirá de preço se de todo a descobriremos. E porem tenho ordens positivas e instrucções d'elrei para ir ao oriente; e as ordens dos reis portuguezes são sagradas para nós seus vassallos, que assim o deixou estabelecido o principe de quem S. A. herdou o sceptro e a coroa. E pois meu dever, se o conselho não resolver em contrario, proseguir na derrota que levavamos, e mandar participação a elrei deste descobrimento por uma das suas naus menores. A prudencia me aconselhou de vos ouvir antes de deliberar. Conto com as vossas sinceras opiniões.» —

Não deixou este discurso de produzir certa commoção nos animos, e haveria no fim d'elle uma pequena pausa se por ventura Sancho de Toar, logo em dignidade inferior ao capitão-mór, e que tinha por costume estar sempre depois da comida mais espirituallizado, com todo o desembaraço o não applaudira logo na sua propria lingua, por desconhecer a portugueza.

«Bien dicho, señor, teneis razon en todo lo que habeis hablado, y como pedís nuestro parecer, yo expondré el mio del modo que entiendo. Sempre vi, señor, que en Castilla se obedecen con puntualidad todas las ordenes quando san terminantes.»

«Não precisamos para isso desses exemplos lá de Castella: temo-los de caza em abundancia» — atalhou Simão de Miranda de Azevedo, immediato na

nau capitana, o qual em virtude de certa rivalidade com Toar, proveniente de ter este fidalgo estrangeiro alcançado a sota-capitania-mór, que lhe fôra prometida, não poupava oportunidade de o embarçar. «Porem cumpre tambem, senhores, que este negocio seja tratado com madureza. O regimento que trazemos não preveniu tão grande acontecimento, e em tal caso um conselho assim composto de individuos desejosos [salto na totalidade, disse voltando-se ironicamente para Toar] de promover o bem da patria, pôde decidir o que será de conveniencia fazer-se. Se pois mandámos por um navio recado a elrei vai a frota para o Oriente com outra nau de menos, alem da que já de nós se apartou»...

«E eu que o diga» — interrompeu Nuno Leitão — «que nas alturas de Cabo-verde — fez já um mez — a busquei com a minha veleira — *Annunciada* — durante os dois dias que a frota alli pairou — quem sabe se de caso pensado s'ausentou para se voltar e ir metter em Lisboa, desculpando-se de ser desgarrada por algum temporal que ninguem viu.»

«Isso era o menos» disse com voz atroadora Pedro de Ataide de Penacova, alcunhado o Inferno. «Uma frota de onze velas, guarnecida de portuguezes, é capaz de meter medo á India em peso.»

Pero Vaz de Caminha regosijou-se summamente da firmeza com que via sustentar um parecer cujas ideas elle não desaprovava. — Como homem religioso, de curiosidade, desinteressados intentos [e menos amigo do saber para fazer monopolio e gozar, do que para se satisfazer de que os mais gozassem, lendo-o e ouvindo-o] se agora aqui ficasse sorria, com antecedencia, dos Tupiniquins, qual outro Ciega dos Peruanos, Garcillasso dos indigenas do Mexico seus ascendentes, Soares dos Tupinambás, e Heckwelder dos Mohicanos. Porem assim o não quiz a sorte. Chegou talvez a figurar-se já de volta, velho e de bordão, a andar no Porto, onde antes fôra mestre da balança da moeda, (*) ou em alguma das outras povoações do Minho em que estivera, a gozar felicidade e abundancia no seio da sua familia. —

Ataide continuava a querer discorrer e tratava acerca da bondade da terra e possibilidade de nella haver minas e riquezas, quando Toar retrucou na sua geringonça castelhana:

«Por muy buena que sea esta tierra, me parece que no hande igualar nunca sus riquezas a las que puede proporcionarnos la India, donde comerciaremos con gran provecho en el ramo de especiarías, que tantas ganancias ha producido a los Venecianos que en él se ocupan. Ni se podran tampoco comparar con las que podemos sacar de las minas de Sofala, endonde llegará dia de egercer yo algun mando si Dios quiere. Es solamente menester mandar participacion a S. A.»...

«Mas pergunto, [continuou Ataide] de que havemos nós mandar participação a elrei? Dir-lhe-hemos que fomos achadores de uma terra da qual nada conhecemos? Outras e mui outras, são as instrucções que nos deixou escriptas o Sr. infante D. Henrique que Deus tenha em gloria!»

«Cifra-se o caso» continuou Ayres Gomes da Silva «em se enviar um presente a elrei sem nós proprios sabermos o que elle seja; certo, senhores, que mal de nós julgará S. A. se vir que, maritimos, somos tão acanhados examinadores de ver cousas novas.»

«Não me parece tão pouco isso» atalhou Nicolau Coelho: «antes creio que a dádiva é mais generosa, quando se della não faz tanta menção e aprego. Deixemos esse cuidado a outrem, e lembremo-nos do

(*) O Alvará de declaração do seu regimento de 24 de Fevereiro de 1500 existe ainda. C. c. P. 2, m. 3, d. 9.

(:) Washington Irving, Columbus Liv. 1.º

(*) Nomeado por carta de 19 de Maio de 1496.

adagio—se mui bem de nós dizemos, aos outros deixamos menos. — O meu parecer é que se cumpram em tudo as ordens de S. A. Senhor capitão-mór » proseguiu endereçando-se a Pedr'Alvares « eu que já vi Calecute, e que, ainda não ha dez mezes, fui dar a nova do descobrimento da India ao nosso serenissimo rei, estou no caso de avaliar as perdas que pôde trazer a demora desta armada; e por tanto sou de opinião que continuemos a nossa rota para a India. »

« Também julgo mais em serviço de Deus e d'el-rei e da exaltação da Santa Cruz sob cuja influencia vimos » acrescentou Diogo Dias. « Porem alem disso fallando pelo que mais de perto me toca direi que fui por S. A. incumbido e mais meu irmão de irmos a Sofala negociar a troca de ouro varias mercadorias que levamos, a fim de privar quanto antes deste commercio os mouros infieis: e não ficaremos nós responsaveis pelas perdas e danos que soffrer S. A. na falta de cumprimento das ordens que recebemos? »

Bartholomeu Dias ouviu estas expressões de seu irmão com mostras d'indifferença, como se em todo o caso algum mau fim antes de tal chegada a Sofala lhe presagiasse o coração. Simão de Miranda redarguiu com força estribando-se porem quasi nos mesmos argumentos, — nunca perdoando occasião de chasquear o castelhano Toar, a pontos que talvez só a lei da ordenação (*) ao depois dada á luz seria capaz de obstar a que chegassem a medir as espadas em algum desafio.

O infernal Pedro de Ataíde, tomando igualmente pela segunda vez a mão, começou a poetar em prosa, discorrendo ácerca da provavel amenidade da terra, das minas d'ouro e prata que poderia conter, e em summa tanto fugiu da questão que se fosse hoje seria talvez chamado á ordem, mas em tempos de tanta cortezia todos o ouviram attentamente.

Ambos foram de novo rebatidos por Nicolau Coelho que argumentava com factos, e os factos tinham naquellas eras tanta força como nestes tempos d'agora teem as theorias novissimas apresentadas por livros francezes, com o anno da impressão adiantado. (**)

Ayres Correa ancioso de se ver na sua feitoria de Calecut, para onde até levava a familia, exultou de alegria, ao presenciar que a opinião sustentada por Coelho foi quasi unanimemente abraçada, sendo-o até por aquelles que não haviam tomado parte neste debate.

Ataíde propoz então que ao menos saíssem a terra para poderem sequer mandar a elrei algumas informações da bahia, onde estavam fundeados; informações uteis aos pilotos que depois viessem; que este porto segundo Pero Vaz poderia ao menos servir « de ter alli pouzada para aquella navegação de Calecute. » Simão de Miranda, que era o outro vencido approvou tambem este pedido.

« Tenho ainda antes nova proposição que fazer e não menos importante » disse o capitão-mór. « Tenciono deixar nesta terra dois degradados e quero ouvir-vos se convirá em seu lugar tirar por força um par destes homens para os mandar a S. A., que certamente folgará de os ver. » —

Nesta proposta de Cabral havia um certo fundo de justiga: tratava-se de uma compensação na população; e Pero Vaz ainda que nada sonhava das theorias modernas de Azais, achou a idéa engraçada, e por boca pequena disse para Ayres Correa, que lhe ficava ao lado — « Parece natural uma vez

que se remetem tantas armas, vestes e trajes para S. A. examinar, que vão tambem homens á mostra, pois só assim poderia elrei ver tudo nos competentes lanceiros. » (::)

« Nenhum inconveniente reconheço na approvação do alvitre do nosso capitão-mór » afirmou mui pausadamente Ayres Gomes, encostando-se ao punho da espada, e anedeando desdenhosamente as barbas com a mão direita.

« Ni yo tam poco » disse Sancho de Toar na sua aravia acastelhanada, sem fazer discursos, que já estava mais socegado do espirito, e com menos gana de fallar.

Seguiu-se um breve silencio, acompanhado só de alguns meneos de cabeça; e olhavam quasi todos para Pedr'Alvares como decididos a approvar a proposta, quando se reconheceu que um dos capitães já meio grisalho, que até ahi parecera meditando, dava signaes de desaprovar. E esse homem respeitavel, que fôra o primeiro vencedor do cabo Tormentoso, proferiu logo com voz energica — « Não concordo. » — Estas duas palavras, salidas da boca do grande Bartholomeu Dias atrahiram sobre elle a attenção de todo o conselho. — « Tenho ainda bem presente — continuou elle — « o trabalho que me deram 2 negros, por Diogo Cam trazidos do pé do rio Zaire, os quaes elrei D. João 2.^o, que Deus haja, quando enviava ao descobrimento da India me incumbiu de os deitar na angra do Salto, por lhe não serem de utilidade alguma. Nescios e ignorantes, sem de ordinario terem sequer visto com passos em distancia do lugar em que nasceram, quando são perguntados dizem a tudo que sim, ou a tudo que não; conforme lhes apraz, ou conforme julgam aprazer a seus interesses. » —

« Não ha duvida » — interrompen Nicolau Coelho — « sempre me hei-de lembrar do que me aconteceu no rio de Santiago com 2 negros que tomara; epezar de terem sido postos em terra depois de mui bem recebidos e pensados, nada disso valeu para que deixassem de perseguir o valentão Fernão Vellozo, que se viu obrigado a tomar as de villadiogo para escapar. Já fiz hontem menção deste caso quando seguindo o dictame do grande capitão, cujo parecer tambem agora apoio, defendi a conveniencia de pôr em terra os dois homens. »

« Assim é » — continuou Dias, levantando os olhos com gravidade — « de tão adequada incumbencia ambos tivemos a fortuna de ser encarregados, e para tal decisão não concorreu pouco essa historia comvoco succedida perto da bahia de Santa Helena. Repetirei ora a sentença que tantas vezes ouvi da propria boca do immortal rei D. João — do unico interprete dos planos do sabio mestre de Sagres (§): — Tratai bem os povos que encontrardes, dizia-me S. A., e prezai-os como eu prezo e amo a minha grei. — E tende presente, Sr.^s que se expressava assim um principe que soube o que era governar homens, e dia virá [aqui levantou a voz] em que a não preocupada posteridade, se for reconhecedora e o chegar a conhecer, ha-de attribuir-lhe as glorias já adquiridas, e as ainda reservadas á minha cara patria. Mui bem me persuado que o prazer ou curiosidade que elrei terá em ver dois homens, não pagará nem a falta que podem fazer aos seus, os quaes julgarão que os tragámos, nem o escandalo que vamos dar, quando conven valermos-nos de todos os meios de paz e mansidão. Comuniquemos portanto a S. A., tal é Sr.^s a minha

(::) *Lanceiros* ainda hoje no Minho significa *cabidos*.

(§) John II had imbibed the passion for discovery from his grand-uncle Prince-Henry, and with his reign all its activity revived. — *Washington Irving*.

(*) Liv. 5 Tit. 93.

(**) Em Novembro de 1839 já nós possuamos em Lisboa o 1.^o Tomo do *Cours d'Economie Politique* do P. Rossi, impresso em Paris em 1840. E' especular de mais!

CHRONICA DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

VIII.

O RECREIO.

A enseada Cabrália soporta pela primeira vez o peso de uma dúzia de náus, e inumeros bateis deslocam as suas aguas, deixando apoz si reboinhadas esteiras: á pópa de um delles tremula levemente a bandeira da ordem de Christo — presenciadora das conquistas feitas pelos portuguezes d'outrora, nas diferentes partes do globo. Rangem os remos d'encontro aos tolêtes, e as suas pás, fazendo na agua serpejantes sombras, rutilam com o reflexo do sol, que occasiona ao poente de cada batel uma faixa scintillante, a qual, ondeada ao de leve por um bafo marreiro, é capaz de deslunbrar a vista.

O habitador da beira-mar em qualquer paiz da terra, que, ao menos uma vez, foi em leve baixel distrahir-se longe das vozearias das praças e do tumultuar das ruas, e perante um livre horizonte respirou socego, sabe com quanta facilidade o espirito nesses momentos propende a meditar nos assumptos, que mais de perto lhe dizem respeito. E o que agora acontece. Observam-se muitos, dos que vão nos bateis, taciturnos e pensativos. Aqui o nauta emprehendedor idêa como lhe poderá a sorte deparar ensejo de eternisar o seu nome em todas as futuras cartas geographicas, até á custa do proprio sangue, como succedera a Nuno Tristão. Alli o nobre e intrepido guerreiro se asigura ter brandido as armas, e voltar coroado de louros e cuberto de triumphos a encher-se de honrarias, e a receber as venias dos seus concidadãos. Acolá o frade de capuz, cabeça cercilhada, e cordões á cintura, ancea a oportunidade de missionar em terra de infieis para ganhar a salvação á custa do martyrio. Alem o judeu usurario, que, apesar de renegado da sua religião, não abjurou de se esquecer do seu ouro, dá tratos á memoria para se recordar de novos meios de o adquirir, enganando os povos com quem viesse a ter trafego: mais alem o aventureiro não perde as esperanças de melhorar, e se restabelecer de seus males moraes pela mudança de ares. E a final tambem não falta algum philosopho phylantropo, que medite ácerca dos destinos futuros daquelle territorio; nem está longe a alma do historiador, que lê no rosto de cada um todos estes pensamentos, e memoria e coordena tudo quanto se passa. Pela praia se vê andar gente que, maravilhada desta scena original, depõe as armas, conforme lhe tinham ensinado, em testemunho de paz, e fazem convites para que se acheguem.

Os bateis abicaram a terra, e todos effectuam o desembarque junto de uns medões de saibro apaulados, que de si transudam agua para córregos, que alli ha na margem do rio, opposta áquella em que se tinham juntado os indigenas. Alguns mais afoitos o vadearam, e foram metter-se a traficar com os que aguardavam; pois grande parte fugiam para a chapada (*) do monte. Passeavam entre elles quasi em

(*) E' vocabulo abonado por Fr. Luiz de Sousa, e de mui frequente uso no Brasil, para designar o *plateau* dos francezes: e certo que só os portuguezes alli o introduziram. Temos ouvido lamentar a falta de semelhante significado na lingua portugueza: nós conhecendo-a pouco talvez nos enganemos propondo, alem de *chapada*, muito usado por José Bonifacio, o de *chada*, empregado nas ilhas de Cabo-Verde; *taboleiro* de D. João de Castro (Rot. p. 35); a *meza* do Cabo de Boa Esperança; o *rechano* do Elucidario; alem de *assomada*, *cima*, *cimo*, *cumiada*, *sequalço*, *coroa*, *leynba*, *lumbada*, *lombo*, &c.

perfeita nudez umas poucas de moçoilas indigenas, que não pareciam mal. Pero Vaz, como homem serio e pai de filhos, prestou mais attenção a uma que andava com um minino ou menina ao colo, atado [diz elle] com um panno não sci de que nos peitos, que lhe nom parecia senom as perninhas. Outro tanto não aconteceu a certo joven portuguez, que a cada instante fitava os olhos n'outra mais nova e muito bem assombrada, que tinha encontrado na vespera, e por quem já experimentava certa afleição interior. A electrica faísca d'amor se communicou subtilmente pelos conductores respectivos — pelos olhos de ambos com a rapidez do raio: e oh ventura! já em ambos elles, nascidos em paizes tão desviados, se manifesta a doce e disfarçada linguagem amorosa — unica que tem signaes communs em todo o universo — que é verdadeiramente pasigraphica. O ousado amante vendo-se correspondido sente momentos de um extasis deleitoso; ambos parecem indifferentes a tudo quanto os cerca, e quasi mudos só se occupam de uma contemplação reciproca; e cheios de infavel prazer desejam que se estenda o dia para terem occasião de se verem um ao outro. Ah! e quão agradaveis passam taes momentos!...

Entretanto o capitão-mór se fizera tomar ao collo de dois estriqueiros, passara o rio e fôra entre elles, voltando com todos os seus, o que obrigou os dois novos amantes a uma dura separação. — Subia pela beira do rio, senão quando viu que o esperava um velho botocudo, tendo na mão um remo, e no furado do beigo uma pedra verde ordinaria. — Ao aproximar-se quiz o capitão-mór ver a pedra; elle para isso a tirou do beigo e começou a rosnar lá na sua lingua uma melancolica lengalenga que ninguem entendeu, e o sincero Pero Vaz diz com toda a simplicidade ao rei: «que não sabia que diabo elle falava.» — Aqui a reproduziremos, com menos intenções de guardar fidelidade aos muitos documentos que ajunctámos, que de dar uma prova da melodia desta lingua, que conta varios philologos:

Carybã! Xê
Oicô jê pé
Itá-uguí
Krake-mũ-y
—Ixê etê
Tijuaé...
Ha! ha! hy! hy!
Hô! hô! hê! hê!....

Esta cantilena em tom compassado e monótono, foi acabada repetindo duas vezes este ultimo estribillo, e depois levou a pedra verde á boca de Pedr'Alvares continuando a resmungar. Os da comitiva riram-se do atrevimento com que um ignorante tratava o seu chefe, que deu signaes de enfado, e o deixou seguindo pela ribeira acima. Houve quem desse um sombreiro pela pedra verde do botocudo, e depois veio parar ás mãos do capitão-mór que a enviou a elrei D. Manuel juntamente com outros enfeites de pennas de côres, armas, &c.

Em quanto Pedr'Alvares passeava, muitos dos seus colhiam, para comer, bellos palmitos; depois desceram até sitio em que tinham desembarcado, e novamente viram na outra margem muitos indigenas bailando e dançando uns apoz outros e sem se darem as mãos, o que offerecia certa novidade. Porem o que causava admiração era o vê-los com os corpos tão bem curados e tão sãos que nisto pareciam menos homens que «aves ou alimarias monteres, que lhes faz o ar melhor penna e cabello que ás mansas; porque [diz Pero Vaz] os corpos seus são tão limpos

e tão gordos e tão fermosos que não pôde mais ser.» — Pedr'Alvares com a mais gente da margem oposta presenciava estes bailos e folias. Entre muitos se accendeu o desejo de ir ter com elles; e por fim Diogo Dias abriu o exemplo. — Este Dias que fôra almoxarife de Sacavem, e era homem gracioso convidou um gaiteiro ferreteado no rosto [em rasão de certo furto que comettêra no rocio de Lisboa] e se foi metter entre elles na roda a dançar, tomando-os pelas mãos: e todos logo folgavam e riam e andavam bem ao som da gaita, que era tocada por bom mestre. Pobre gaiteiro! A toda a hora e todo o instante, no momento de maior jubilo esmorecia ao recordar-se que tinha ferrado no rosto um ferrete de infamia! Pena cruel era esta, e estava então muito em voga. Foi banida pelo piedoso D. João 3.^o por lei de 26 de Fevereiro de 1624, e hoje por quasi todas as constituições dos paizes civilisados. A boa alma e as boas intenções do introductor da inquisição manifesta-se no ingenuo motivo de tal transgressão «Por não afear a cara do homem, que é a melhor cousa que nelle ha. — »

Dias, quando lhe pareceu era quasi sol posto, deixou de dançar e começou a fazer muitas voltas, cabriolas, e *salto real*, do que os indigenas se maravilhavam satisfeitos, até que por fim desconfiaram, por serem tão «*esquivos como pardaes de sevadouro.*»

Pedr'Alvares proseguiu no passeio até chegar a uma lagoa de agua doce, que alli ha, e mandou a

Afonso Ribeiro que se dirigisse a elles. Este degradado voltou pouco depois contando o terem-lhe alguns feito restituir uns avelorios, que antes lhe haviam furtado.

Era quasi noite quando todos entraram nos bateis por ordem do capitão-mór e se tornaram ás respectivas náus.

Os dois seguintes dias se passaram sem que houvesse acontecimento digno de mais especial menção, — ao menos que nós o saibamos. Das náus foi muita gente a terra fazer aguada e lenha, e tiveram oportunidade de se familiarisarem de todo com os já não esquivos indigenas, a quem agora melhor examinavam: vinham já sem armas ou as trocavam por alguma carapucinha velha, folhas de papel, &c.: lutavam e folgavam com os hospedes por todos os modos, e foram muitos com elles pela terra dentro: chegaram a ter um trato tão familiar que serviam de impedimento aos carpinteiros, que trabalhavam em fazer uma cruz para a qual se cortou madeira no dia 27.

Em ambos estes dias mandou Pedr'Alvares que fosse, com dois degradados, pelo interior até onde elles eram aldeados, o folgasão Diogo Dias, com ordem de lá ficar. Esta ultima recomendação não teve o devido cumprimento. D'ambas as vezes voltaram todos de noite, desculpando-se de que lhes não tinham os indigenas permittido dormirem entre elles.

(Continuar-se-ha).



RETRATO DA DUQUEZA D'ABRANTES.

Em 1838 acabou a sua existencia, pobre e crivada de desgostos, a duquesa d'Abrantes, viuva de um general do imperio francez, morto em combate. Esta mulher fez-se celebre não só na carreira litteraria

por muitos escriptos, como tambem na vida social por sua grande constancia e resignação na adversidade, e por uma grandeza d'alma que prova o quanto o seu sexo é susceptivel de virtudes varonis. Quan-

que existem 10, d'ordem corinthia, e d'altura de 18 pés menos o capitel, que é decorado com rama d'oliveira. Está situado á beira do precipicio, onde se despenha o Anio, hoje chamado il Teverone. Para a esquerda deste formoso templo ha outro, que pensam os antiquarios ter sido consagrado á sybilla tiburtina. É pequeno, de forma rectangular, ornado com quatro columnas jonicas: actualmente está servindo d'igreja consagrada a S. Jorge. D'um terrado na frontaria do templo goza-se bellissima perspectiva. A direita descobre-se o Anio correndo magestosamente por entre a casaria de Tivoli, e que depois, faltando-lhe subitamente a terra, forma uma catadupa ou cascata, que appresenta um lençol de agua de 50 pés d'alto sobre 120 de largo, e logo se abysma por baixo de rochas, e vem sahir na gruta de Neptuno. O Anio cahia d'antes a prumo na gruta de Neptuno; porem houve em 1826 um esbroamento da terra, que levou 24 casas com os bens dos infelizes proprietarios. O papa Leão 12.^o mandou depois fazer a actual cachoeira que tem muita mais segurança. A esquerda desta immentia cascata, do mesmo lado, se precipita outro braço do rio Anio por uma aberta feita pelo Bernini. É esta queda da altura de 250 pés, e posto que menos copiosa que a primeira, é sem contradicção mais formosa. Antes de chegar ás duas cascatas outros braços do Anio se derramam pela cidade; e depois de terem os moradores, para fins diversos, aproveitado as aguas, ajuntando-se estas vão formar as cascatinhas. Por um carreiro serpenteante desce-se ao fundo do abysmo: e d'uma inscripção ahi posta se vê que o general francez Miollis mandara abrir esse caminho para favorecer a curiosidade dos artistas e viajantes. Ao descer desfructa-se por vezes, e sempre com variada perspectiva, a bella vista da cataracta ou cascata, denominada do Bernini; mas só embaixo se gosa o espectáculo mais sublime: á esquerda está a cataracta, e á direita uma caverna sombria e ampla, onde as aguas retumbam com espantoso arruido: é a gruta de Neptuno que engole o rio Anio. Se o lugar não fosse tão incommodo, e de algum modo perigoso, largas horas de contemplação tomaria aos curiosos: porem, por um lado a agua, que repuxa como pó subtilissimo quebrando-se no rochedo, alaga o espectador; e por outro, o chão de continuo humido e escorregadio, o expõem a dar algum passo em vão, que o faça ir de volta com a torrente; e não tem acontecido poucos destes desastrosos accidentes. As aguas da gruta e as da cascata reúnem-se, e vão cahir na caverna das serêas.

Subindo a Tivoli, e tornando a descer por uma estreita escadaria cavada na rocha, vai-se áquella caverna das serêas, que é uma especie de ponte natural, por baixo da qual o Anio se despenha pela terceira vez. De Tivoli sahe-se pela ponte Lupus, construida por mandado de Sixto V.; e depois de grande rodeio se vai dar ao outro lado do valle, pelo fundo do qual o mesmo rio corre. Aqui é maravilhoso e aprasivel o espectáculo que para toda a parte se avista. Da banda esquerda ficam as cataractas do Anio, na frente os templos de Vesta e da Sybilla, e a cidade de Tivoli: lá mais longe, pelo vão d'uma quebrada, divisam-se os campos de Roma, a cidade dos Cesares, e o zimbório de S. Pedro; e para a direita, finalmente, tudo são collinas bellissimas cubertas d'azinhas e oliveiras. Em tão delicioso sitio querem alguns que estivesse a habitação do engenhoso poeta Catullo.

Pouco mais adiante acha-se o viajante defronte da maior cascatinha, que sahe da cidade por um canal, e dá uma queda de cousa de cem pés d'altu-

ra, acompanhando-a outros repuchos de menos consideração. A cascatinha, depois de dois saltos, mistura as aguas com o Anio, ou Teverone. Dahi a poucos passos está a igrejinha de St.^o Antonio, levantada sobre restos d'antigas obras, que eram as ruínas da villa d'Horacio. Quasi fronteiro fica um templo dedicado á Virgem, construido sobre a morada de Quintilio Varo, de que existem ainda importantes pedaços. Logo appresentam-se á vista as outras cascatinhas, que formam variados e graciosos repuchos; o mais alto jorra da villa de Mecenas, que soberbamente campea sobre a cascata. Tais eram as ricas e aprasiveis casas de campo dos romanos no tempo do imperio! No fundo do valle atravessa-se um limpido ribeiro pela antiga ponte de Celio, muito bem conservada, e d'um só arco; as pedras que formam a volta ou abobada deste servem ao mesmo tempo de calçada; sendo tão singular a construção que ha della raros exemplos. Sobce-se depois para Tivoli pela antiga *via tiburtina*, que neste sitio está em muito bom estado, e que passava pela ponte de Celio.

A todos os edificios mencionados neste passeio é superior em magnificencia a villa de Mecenas, como por suas ruínas pôde avalliar-se. A *via tiburtina* a atravessava, sendo o transito por baixo de uma abobada, cuja conservação é por certo admiravel. Mecenas e os seus validos estão presentemente substituidos por ferreiros; e ao tumulto dos festejos e banquetes succederam o sussurro das aguas e o estrondo dos martellos.

CHRONICA DO DESCOBERTAMENTO DO BRASIL.

IX.

O AMOR SYMPATHICO.

(Dia 29 de Abril de 1500.)

Tono o dia de quarta feira esteve novamente o porto coalhado de bateis, que de um navio não artilhado e pequeno, mas alteroso se dirigiam para todas as náus: era este o dos mantimentos, que devendo voltar a Portugal, em consequencia da resolução tomada em conselho, desempachando o convez, alijava para o das outras quanto lhe sobrava, alem do necessario, até chegar de volta ás ilhas de Cabo-verde, onde poderia fazer aguada e carnagem. Pedr'Alvares, que desejava quanto antes terminar esta baldeação, ordenou que ninguem fosse a terra, excepto o sota-capitão Sancho de Toar, que foi mandado com varios homens d'armas a fim de proteger os carpinteiros, que lá acabavam de apromptar a nomeada cruz, diante da qual se devia celebrar o incruento sacrificio, para a deixar alli depois de benzida. Logo que puzeram pé em terra, e os duros machados começaram a trabalhar faccando o madeiro, Sancho de Toar mandou dispersar os seus, recommendando-lhes que não se arredassem para muito longe; e os preveniu que seria bom andarem preparados e de mechas acesas para de relance acudir a qualquer hostile encontro. Todos obedeceram e com o mosquete ás costas cada qual se foi entretendo a seu modo. Os mais curiosos de caga prometteram de não faltar nesse dia ao jantar com algum bom guisado, ganho á custa do mosquete. Era este, pouco mais ou menos, do feitio das espingardas de hoje; porem tinha o cano mais comprido e a bala de menor adarme: fôra então defeso caçar com chumbo miudo, com o justo intento de adestrar bons atiradores neste exercicio. A coronha era mais esguia e grosseiramente

acabada, por não ser accommodada para fazer firmeza no hombro: em vez de fechos tinha um cão de ferro que a atravessava, e o qual entre dois dentes abertos em fórma de tenaz recebia um morrão accessório para comunicar o fogo á escorva, puxando-se pela comprida cauda ou gatilho.

No numero dos mosqueteiros tocou de ir o joven apaixonado, de quem já fallámos: chamava-se elle Braz Ribeiro; era natural do Torrão e de uma familia mui conhecida, não só por sangue e gentilezas cavalleirosas, como inda mais pela posse hereditaria de uma alma sensível e apaixonada. A leitura de alguns livros de cavallerias nelle desenvolvera em alto grau esta ultima propensão innata. Contava agora pouco mais de vinte annos, e tinha todo o fogo proprio de tal idade: o seu ingenuo coração o fizera antes digno do amor clandestino da mais bella dama da rainha D. Isabel. Não vem para aqui o contar toda a historia, enredada do modo como por capricho e ingratidão esta dama sacrificou o seu amante a tal ponto que foi desautorado das dignidades do paço, e perdoado por elrei, em attenção a pertencer a tal familia, de *morrer per ello*, ficando porem sujeito á milicia e indo para fóra do reino. Outro que não fosse Braz Ribeiro protestára não se atear mais no fogo do amor, visto que as chaminas do primeiro o tinham tão desaventuradamente escaudado; mas a sua alma é por tal fórma sensível que até neste momento pensa em amar. Ora, como é sabido, os que soffrem moralmente aprazem-se do retiro dos logares solitarios, e ahi atenuam seus males á forga de os confiar em segredo a quem só os ouve. Braz Ribeiro nesta occasião vai sosinho e cabisbaixo em procura de logares sombrios, que mais se conformem com a saudosa melancolia do seu coração. Passa a travéz de annosos coqueiros e, sem o cuidar, entranha-se pelos matos virgens. E por allí tal a mudez que o zumbir do bizouro, que gira no ar, o simples rojar do reptil no arbusto, ou o fortuito cahir no chão do corneo fructo da sapucaia ou de algum coco amadurecido no cacho, deixa por certo tempo um eco sussurrante, semilhavel ao da caxoeira ou enxorrada que murmura com forga a alguns passos de distancia. Os escaços raios do sol já quasi a pino, que penetram por entre os claros daquellas abobadas e arcarias de vegetaes, se iam dentro quebrar nas folhas e flores, manifestando nestas tal variedade que Ribeiro se persuadiu estrear seus olhos a impressão mais nova e agradável de toda a sua vida. Observa que pisa um tapete bordado pela natureza com os mais exquisitos matizes; olha para cima e não sabe distinguir de que ramos, nem de que arvores cabiram flores que vê pelo chão. Que encantos offerece tal variedade! Que novas grinaldas desalinhadamente coloridas! Que diversidade de cipós trepadores, á feição das eras e maracujás, se enroscam pelas arvores como querendo substituir-lhe os troncos, remoga-los ou alcançar-lhes o cume, para na presença do firmamento receber os raios do sol que não ousaram jámais nem attingir os seus pés, nem corar as folhas das humildes parasytas suas vizinhas! — Os fructos demasiado maduros das anonas e ananazes exhalam suaves fragrancias, juntamente com os cachos de sasonadas paeobas que amarellejam no cimo de troncos vestidos de tenues mas grandissimas folhas luzidias, as quaes se conservam intactas pela escacez do vento. O espirito se alvoroga com esta vista, e Ribeiro extatico, crendo-se no paraíso terreal, não se lembra de colher fructos, ou não se atreve a fazello, porque ignora qual delles será o prohibido. Emmaranhava-se pelos sitios mais densos, lembrando-se apenas da falta de uma Eva, e eis que ouve ao

longe um leve borborinho que se aproxima, á maneira do vento que começa a soprar nas folhas: não tardou que não percebesse ramalhar já perto, e visse um animal que lhe pareceu uma lebre; era uma cotia domesticada: ia a atirar-lhe quando — oh boa sorte! — apesar das sombras, descobre perto um rosto encantador que lhe implorava perdão para a creatura, que tantas vezes a afagara e lambera. Ribeiro ficou immovel ao conhecer a mesma beldade, que trazia impressa n'alma. Esta virgem dos bosques americanos tambem o reconheceu no meio de uma forte commoção. Os dois corações palpitarão com doce impulso — uma languidez terna e de gozo ineffavel se lhe apoderou dos sentidos; as faces coravam, reluziam-lhes os olhos: ambos, sentindo transportes identicos, estavam possuidos disso que os metaphysicos e physiologistas do coração moral chamam *amor sympathico*.

Ypeca [tal era o seu nome] era uma das mais lindas raparigas que a imaginação nos pôde apresentar. Não poderíamos dizer que pertencia á aristocrata raça caucasia, mas ainda menos á mongolica: tinjamos uma georgiana trigueiriua, digna rival da esposa de Salomão. — O seu rosto expressivo offerecia muitos mais encantos, com qualquer scintillante volver d'olhos, do que as inspidas e pallidas carinhas do norte, que, recordando sempre o frio e uma pelle para lhe resistir, pouco harmonisam com os servidos e doces transportes do amor em nossos climas meridionaes. — Lindos e compridos cabellos pretos desdenhosamente soltos pelos hombros constituíam o seu vestuario; umas *auás* [pulseiras] eram o unico adereço dos pulsos; e certa postura em que tinha os braços lhe occultava boa parte do corpo. Estava Ypeca na idade de treze annos, e treze annos de vida ou de vegetação sob os tropicos correspondem a outros tantos nos polos. O torneado pescoco, e o sabido peito arquejante, davam realce aos seus gestos meigos e feiticeiros, e no lindo rosto lhe assomava um riso terno, que por entre os beiços permitia descubrir a furto os alvissimos dentes, como, por entre os bagos rubieundos da romã que abre, alvejam as pelliculas que os separam. Tudo concorria para a tornar digna esposa do mal afortunado Braz Ribeiro. — E que importava que a Europa lhe não houvesse embalado o berço? A melhor qualidade que então se requeria nos casamentos era a religião uniforme; e quando uma gentia como esta fosse doutrinada na fé e baptisada, a igreja festejaria o contar mais uma ovelha no seu rebanho, e o esposo se consolava de ter motivado a entrada de uma alma no paraíso.

A joven americana da mesma sorte achava neste portuguez graças e encantos que nos seus desconhecía. Os olhos penetrantes, sobrolhos cerrados, barbas pretas, e a tez pouco mimosa e queimada do sol durante a viagem, junto ás vestes marciaes, lhe davam certo ar varonil, que é a principal belleza do sexo masculino.

Sem poderem tirar os olhos um do outro se detiveram ambos a contemplar-se absortos. Em verdade inexplicavel é o prazer que sentimos na presença de quem amamos — daquella que muitas vezes nos parece ser unica mulher no mundo! Deste prazer nasce que o amor desculpará tudo, menos uma ausencia voluntaria.

Leitores, que por experiencia sabeis quão deliciosos são os instantes da vida passados a admirar os encantos daquella que vos inspirou profunda sympathia, só vós conheceis como qualquer mover d'olhos do objecto amado vos interessa e abala — em quanto imaginaes que dia virá em que lhe possais

chamar vossa, quando vos unirdes ao vosso complemento, fundindo em um só coração dois corações ardentes — só vós, repito, avaliareis o que sentia Braz Ribeiro! — Sábias leis do Creador, sois quem inspireis no coração este palpar energético, que atenua as penas deste valle de lagrimas!! — Amor! «tu só, tu puro amor» que tens sido a causa de tantas acções grandes, de tantas glorias e venturas, que tens inspirado poetas, que até á religião tens feito magicos servigos, quererás agora porventura ser a causa de algum mal? Ainda então estava nos mysterios do futuro.

Entretanto os dois amantes por acenos expressivos manifestam as suas caricias. A pantomima é sem duvida a primeira linguagem do homem, ninguém a pode ignorar, nem os sentimentos do amor se podem exprimir por outro modo — que nunca pelas finézas insongas e estudadas dos amantes. Ribeiro tomava a sua bella entre os braços pondo-lhe as mãos por cima da cintura, e ella com o braço esquerdo estendido sobre o delle como parceira de *valsa*, ergueu voluptuosamente os olhos enternecidos, e poz o rosto em uma situação propria de nelle receber um penhor de tanto affecto; Ribeiro ia para lho dar, quando sentiram ambos certo reboligo, e no mesmo instante encaram com uma alcatea de indigenas que pareciam encaminhar-se hostilmente e com os arcos armados. A fagueira india ficou trémula quando entre elles reconheceu os parentes, que bradavam pelo seu nome e a ameaçam de lhe disparar as frechas. Ribeiro dispoz-se com toda a serenidade para resistir apesar de reconhecer a desproporção do numero; porem um simples — fuja-mos! — de Ypeca, expresso pela mimica natural, o fez mudar de resolução para até nisto lhe cumprir os desejos. Largam ambos a correr, e são logo perseguidos. Os muitos troncos das arvores, que impediam os gentios de dispararem as suas frechas, serviam tambem, juntamente com as mais plantas, de tropeço a Ribeiro, o qual não costumado a cagar em bosques e coutadas sofria os espinhosos ramos dos arbustos, que lhe zurriziam e arranhavam o rosto — até que para cumulo do seu mal levou uma frechada em a perna esquerda. Ypeca, que era uma verdadeira selvagem corria bem a despeito de tudo, e no meio da fuga se viu cortada e foi preza delles, que deixaram de perseguir o mal tratado Braz Ribeiro. Este vendo-se ferido, desesperado de perder a sua nova conquista, lembrou-se de dar um tiro, para atemorizando-os, conseguir furta-la. Encostou pois o musquete na forquilha e deitou polvora na escorva. Quando deu fogo a escuridão do bosque fez relampear um grande clarão. Porem qual seria o seu pasmo vendo que o fogo se não tinha comunicado, e por tanto não disparara o tiro; mas que não obstante os indigenas levando consigo a desgraçada Ypeca fugiam assustados gritando — *tupá! tupá!* E dest'arte que Ribeiro, assim como depois o *Caramurú* e Boeno figuraram como divindades entre estes indigenas, da mesma forma que os homens chamados deuses na fabula figuraram entre os ainda barbaros e selvagens gregos. — O homem que foi é o mesmo que hade ser: só a civilização o pule e lhe adoça os costumes, e a experiencia e o saber o fazem incredulo nas impressões visionarias. — Ribeiro aturdido resolveu-se d'ir apoz os que fugiam. Como poude ligou a perna e se encaminhou seguindo pela direcção em que elles tinham desaparecido. Percorria o bosque em todos os sentidos, esperançado de recuperar a sua Ypeca, imaginando sempre que caminhava para o sitio por onde se haviam escoado os verdugos que lhe tinham feito o rapto cruel. O sol do meio dia não lhe deixava orientar-se conveniente-

mente, de maneira que sem norte, andava como aquelle que, depois de muitas voltas com uma venda nos olhos, ignora para que banda está voltado. Ribeiro, nesta occasião, já lhe não importa o que vê: nem oi bandos de papagaios e periquitos, nem os rostrados tucanos, com seus papos amarellos e vermelhos, nem o delicioso canto dos sabiás, nem a vista dos acatasolados gainumbis (*), lhe distrahem a attenção. — Como perdido andou até que ouviu vozes, e percebeu ao longe um som ao modo de gargalhadas soltas e desentoadas, que lhe pareceram de uma orgia brutal de gentios.

«Bello! Estão entretidos; conseguirei apoderarme della sem que me sintam», disse para si; e se dispoz a effectuar a surpresa, e a resistir no caso de ser esta malograda. Aproximou-se pois de vagarinho; mas que tal seria a sua admiração quando se achou na praia, e viu um rancho de cinco dos seus companheiros de redor de uma grande fogueira, festejando o que tinham apanhado na caça. Estava o mofino, depois de tantas voltas, no mesmo lugar donde sahira. Foi logo saudado á chegada, começando Tristão Nunes a bradar: «Oh lá amigo, depressa se queres ainda provar que tal sabor dão ás carnes os pastos destes sitios.» Era a cotia da pobre Ypeca, que já se estava assando. — «Sr. Braz, que é isso, destes algum tombo?» proseguiu Nunes, reparando no misero estado em que via o seu amigo. «Nada, não, atalhava outro, — certo que alguma fera o arremetteu.» Ribeiro nada podia responder: a paixão que nutria, os tormentos que soffrera, o ultimo sobresalto que com a vista do animalzinho da sua amada acabava de experimentar, e o achar-se tão mesquinho entre os seus, tudo concorria para pôr o seu espirito em opposição com as galhofeiras e desenvoltas expressões que lhe eram endereçadas. Alem disto estava em tal accesso de febre que foi logo por estes reconhecido. Vendo todos que elle nem podia fallar o conduziram ao batel, sem adivinharem o que dera causa a tão estranha aventura: depois o levaram á nau para ser tratado.

Sancho de Toar ficou ainda com alguns mais assistindo ás observações que faziam os pilotos, com o fim de conhecer naquellas alturas se a agulha nordeste—ou noroeste—ava. Eram estas observações feitas com o instrumento das sombras, fixamente assentado em um chão nivelado ao pé dos coqueiros. Os pilotos, discipulos do mestre Abraham Zacuto, de quem levavam as *Taboas*, impressas em Leiria em 1496, dando a si mysteriosa importancia como todos os mais naquelle seculo, faziam visagens e biócos para pôr o estylo ou agulhinha [que se movia sobre o pião] na directura da meridiana, a fim de combinar estas operações feitas depois do meio dia com as de igual tempo antes. A semi-differença das duas dava a variação, que só se podia observar em terra por via do jogar da nau. Quando foram findas, e a cruz acabada, Sancho de Toar ordenou de volver á sua nau. Nesta occasião tinham chegado alguns trezentos indigenas que tambem queriam vir: porem o sota-capitão escolheu delles só dois mancebos *despostos e homes de prol*, e se recolheu a bordo. Pero Vaz conta neste dia só esta ultima especialidade, e o facto da baldeação do navio dos mantimentos, e diz com certa reserva que *«nom foi mais este dia que pera screpver seja.»*

(Continuar-se-ha).

O ROUBO DAS DECADAS DE COUTO.

João de Barros só deixára impressas tres das famo-

(*) Chupa-flores ou beija-flores.

o qual conservou o governo da ordem em todo o tempo do seu reinado: por sua morte a administrou elrei D. João 3.^o, por bulla do summo pontifice Adriano 6.^o, até que por outra de Julio 3.^o, expedida em 1551, lhe foi conferida, e a todos os seus successores na corôa, ainda que femeas, a administração perpetua dos Mestrados das ordens militares do reino.

O habito dos cavalleiros é uma cruz vermelha, quasi quadrada, fendida no meio com outra branca; e dado que a alguns pareça que esta insignia fosse a mesma que a do Templo, notoriamente é differente, pois que a dos templarios era toda vermelha, e a de Christo consta daquellas duas cores, nem é crível que o papa lhe permitisse a insignia da cavallaria que o seu antecessor extinguiu, ordenando que de todo se perdesse a memoria della.

Não só teve a ordem de Christo um consideravel patrimonio dentro no reino, senão que se estendia a sua jurisdicção a todas as conquistas de Portugal, de que foi devedora ao immortal infante D. Henrique, o qual depois que se recolheu da conquista de Ceuta, em que teve tanta parte, concebeu logo em seu animo pensamentos de descobrir e ganhar novas terras, sendo as ilhas de Porto Santo e Madeira as primicias de tão laboriosos cuidados. Por fallecimento d'elrei D. João de boa memoria, seu filho o successor D. Duarte, respeitando os dispendios grandes que o infante seu irmão havia feito no descobrimento, povoação e culto destas ilhas, lhas doou por tempo de sua vida, concedendo á ordem de Christo a perpetua jurisdicção espiritual dellas. Nos mais descobrimentos e conquistas, que se principiaram debaixo do estandarte da ordem, e com os cabedaes do infante D. Henrique, reconheceu o reino o que devia a esta cavallaria; e assim com muita razão todas as armadas que saíam para as nossas possessões ultramarinas levavam os estandartes das armas reaes assentadas sobre a cruz da ordem de Christo, reconhecendo que a ella era devida aquella herança: por onde a capitania da India não só em seus proprios mares, mas nos de Portugal, tinha preferencia ás capitancias reaes; não obstante que o cargo de general da armada real de Portugal era preeminente ao de capitão-mór da India.

Os reis deste reino, como tinham a esta milicia por sua, a honraram e enriqueceram mais que a nenhuma das outras, dando-lhe 21 villas e logares, e 454 commendas, em que entravam 45 que se proviam pela casa de Bragança.

Resta-nos fallar das dignidades da ordem. Dizia elrei D. João 1.^o que as quatro columnas do esplendor deste reino eram os Mestres das tres ordens militares, e o Prior do Crato da ordem do Hospital (*), porquanto se admiravam todos da grandeza, apparato, e estado delles, com que se induzia o respeito e estimação do reino, que podia dar logares de tanta soberania. A primeira e principal dignidade depois do Mestre, em cada uma destas religiões militares era o Prior-mór, que tinha jurisdicção no espirital e temporal do convento, exercitando o poder espirital não só com os clerigos residentes na casa, mas com os cavalleiros que viviam separados della. Ao D. Prior do convento de Thomar pertencia chamar por cartas a capitulo geral para nova eleição de Mestre, a quem tomava o juramento de fidelidade e obediencia ao papa. A segunda era o Comendador-mór, que presidia na ausencia do Prior, e por fallecimento do Mestre, no interim da vacante, lhe pertencia governar a ordem. Seguiu-se o Clavei-

ro, cujo officio era ter as chaves do convento quando os cavalleiros viviam em communidade, e ao qual competia distribuir o mantimento, e tomar conta dos gastos que se faziam. A quarta dignidade era o Sachristão-mór, a quem pertencia em capitulo ter os sellos da ordem. A quinta e ultima dignidade era o Alferes que levava a bandeira nas procissões, e em todos os actos de guerra em que ia o Mestre.

Tratando da instituição das tres ordens militares, de Christo, Aviz e Sanctiago, outros mais habeis que nós teriam levado a maior profundidade as suas indagações: — escrevemos o que sabiamos, e com isso nos damos por desobrigados.

J. C. de F.

CHRONICA DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL.

X.

A ROSSE E A DESPEDIDA.

CHEGOU a manhã de quinta feira, placida e mimosa como todas as manhãs nos paizes entre os tropicos. A tripulação das naus foi cedo para terra continuar a cortar lenha e a fazer aguada. Os dez bombardeiros de cada nau, capitaneados pelo condestavel, cuidavam nas artilherias; e os pilotos faziam observações com o astrolabio maritimo. Fôra este recentemente inventado, ou antes aperfeiçoado pelos mestres José e Rodrigo, portuguezes, com o nuremberguez Martim Behaim, os quaes para este fim se tinham juntado, de ordem d'elrei D. João 2.^o, que sabia antever os bons effeitos da reunião das intelligencias. Vinha a ser este instrumento um circulo graduado de latão, com certo anel adaptado, pelo qual se podia dependurar: uma alidade facultava o seu uso. O capitão-mor ia a sahir para terra quando deu fé que se aproximava Sancho de Toar com os seus dois hospedes em um batel, e se decidiu a esperar no portadô, encostando-se á amurada para o ver atracar. Toar subiu e saudou o seu chefe, appresentando-lhe os dois mancebos, que declarou terem vindo por vontade propria. Pedr'Alvares voltou á camara, e mandou trouxessem de comer aos hospedes. Sancho de Toar, tomando apenas alguma vianda, contou como nas vespas os mandara pensar e curar, e como tinham manducado bem, e dormido entre lençoes pela primeira vez na vida. Os hospedes sentaram-se mui fidalgos em cadeiras, e começaram a mastigar com gana lãção cosido frio e arroz, e tudo o mais que lhe davam; porem com particularidade os comeres não quentes.

O capitão-mor, vendo que Sancho de Toar não desviava do pé de si a albarrada do vinho, mandou vir outra por onde podessem beber os hospedes. Toar, que percebeu tanta delicadeza, desculpou-se declarando ter já experimentado que elles o não podiam tragar. — «Emquanto a isso os não avesarem; que elles são descendentes de Noé como nós outros», interrompeu Pero Vaz.

«Quem sabe lá se aqui chegou o diluvio: esta terra nesse tempo ainda se não conhecia» — disse dalli innocentemente um filho d'Ayres Correa; mas ninguem fez caso deste dito. Os hospedes acabaram de comer, e se ergueram sem mais ceremonias.

Pedr'Alvares e Sancho de Toar levantaram-se tambem, e todos foram para terra no batel, donde estavam os outros indigenas já mui familiarizados e a comer com os mareantes; e mais mansos entre nós, que nós entre elles, diz Pero Vaz.

Em terra Pedr'Alvares se encaminhou com todos

(*) Veja-se a respeito desta ordem o 3.^o vol. do Panorama, a pag. 86.

os seus para a cruz, que já estava prompta e encostada a uma grande arvore á borda do rio, a fim de lhes dar veneração: os indigenas imitaram ás cegas este acto de a irem todos beijar, sem imaginarem que este osculo era a sanctão propria da futura perda da sua independencia, segundo a expressão de um elegante escriptor.

O resto do dia foi passado, sem novidade digna de se contar, em danças ao som de um tamboril. Baixava o dia e todos começavam a recolher-se aos bateis. Os indigenas bem informados naturalmente por aquelles dois do bom tratamento que se lhes dava, os queriam todos acompanhar ás naus. Por fim vieram só tres, os quaes tambem tiveram nessa noite cama de colção e lençoes.

É elegante a maneira como Pero Vaz descreve a innocencia destes indigenas. Ougamos pois de novo as suas palavras. — «É segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra cousa para ser toda christã, cá (que) entenderem-nos; porque assi tomavam aquillo que nos viam fazer com'a nós mesmos: por onde pareceu a todos que se V. A. aqui mandar quem mais entre elles de vagar ande, que todos serão tornados ao desejo de V. A.; e para isso se alguém vier não deixe de vir clérigo para os baptisar; porque já então terão mais conhecimento de nossa fé pelos dois degradados que aqui entre elles ficam. . . Entre todos estes que hoje vieram, não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre á missa — á qual deram um panno com que se cobrisse, e puzeram-lho d'arredor de si; però ao assentar-se não fazia memoria de o muito estender para se cubrir. Assi, senhor, que a innocencia desta gente é tal, que a d'Adão não seria mais quanto em vergonha. Ora veja V. A. quem em tal innocencia vive, ensinando-lhes o que é para sua salvação, se se converterão ou não. . . .» E n'outro lugar escreve:

«Parece-me gente de tal innocencia, que se os homem entendesse, e elles a nós, que seriam logo christãos; porque elles não tem, nem entendem em nenhuma crença, segundo parece, e portanto se os degradados que aqui hão-de ficar aprenderem bem a sua falla, e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de V. A., fazerem-se christãos, e creem na nossa santa fé, á qual praza a Nosso Senhor que os traga; porque certo esta gente é boa e de boa simplicidade, e empremar-se-ha ligeiramente nelles qualquer crunho que lhes quizerem dar. E logo lhes Nosso Senhor deu bons corpos e bons rostos com'a bons homens, e elle que nos por aqui trouxe creio que não foi sem causa. E portanto V. A., pois tanto deseja na santa fé catholica, deve entender em sua salvação, e prazérá a Deus que com pouco trabalho será assim. Elles não lavram nem criam, nem ha aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nenhuma alimaria, que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que as arvores de si lançam. E com isto andam taes e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto com quanto trigo e legumes comemos.»

Passou sem novidade esta ultima noite de Abril. Entrou o alegre Maio, e o primeiro dia deste mez foi o da vespera da partida das naus. No velho Portugal iriam repousar os tenros maiosinhos caugados do pezo de tantos rozaños de malmequeres, com que tinham andado em pé e jogando á bola pelas ruas das villas e cidades. O sol manifestava o seu aparecimento no novo hemispherio, e ficava a noite presidindo ao antigo. Um ventinho fresco começava a dissipar alguns nevociros e a desfazer as nuvens, que

tinham, pela hora da modorra, toldado as estrellas. Ao longe se erguiam nevoas escagas á maneira dos fumos nas queimadas das charnecas e matos maninhos. No firmamento se viam a logares manchas do azul celeste, crescendo com o desaparecimento de nuvens translucidas; estas no cimo das aguas pareciam juntar-se e formar um cerro alto e esplendente como o nevado Chimbrazo.

Chammas inflammadas começaram dentro em pouco a sahir do pico mais elevado. Julgarieis ver uma imagem de algum dos volcões de Antisana ou de Popocatepétle vomitando fogo das serras de neve. Esta imagem se mostrava do oriente, o cerro foi desaparecendo, e o sol já subido appresentou a sua face rutilante. — Tinha-se passado o phenomeno regularissimo do nascer do sol. As attensões se volveram para o lado opposto. Pedr'Alvares ordenára mandar por despedida fazer o auto de real posse da terra descuberta a fim de o participar a elrei. Os padres e sacerdotes tinham recebido aviso de que este se havia de fazer acompanhado de missa rezada; os capitães, fidalgos e cavalleiros eram convidados para a ella assistirem; e aos degradados e mais chusma fôra simplesmente dado aviso de acompanharem nesse dia o capitão mór. —

Apromptaram-se os bateis; e os remeiros punham todo o cuidado de os conservar distantes do costado das naus; a fim de não irem do encontro a estas que arfavam de continuo, visto que o mar era um tanto picado. Quando todos entravam, desprenderam os cabos, afastaram-se com os remos e largaram velas ao vento. Cortando á bolina as aguas, venceram em poucos minutos a distancia que os separava da terra, e se dirigiram ao rio que faz aqui uma ilha na foz. Colheram as velas e começaram a subir a remos por este rio acima. — Frondosas arvores o sombreavam de um e outro lado, e os olhos se regavam com a vista da vigorosa vegetação que vestia uma e outra margem: as inermes aves ribeirinhas fugiam de medo com a aproximação dos bateis. — Jam estes pelo rio acima apesar das difficuldades que offereciam uma immensidade de ramos e toros boiantes, e alguma vez um desmesurado tronco de arvore derribada, que se atravessava de um a outro lado, tolhendo a navegação. — Teriam andado obra de dois tiros de besta quando encontrando bom desembarcadouro se achegaram á margem á vara, e atracando com os croques desembarcaram por meio das pranchas. E os indigenas foram logo de volta com elles. —

Encaminharam-se a um pequeno outeiro, do qual se descobria a estender d'olhos maior horisonte, e onde pareceu adequada situação para no meio de tantas arvores plantar uma exotica e de nova especie — uma cruz que devia pegar e produzir bem. — O capitão mór assignalou o sitio em que se devia fazer a cova, que foi começada a abrir por dois homens: os mais passavam o rio para a trazerem, o que effectuaram com o acompanhamento em alas e em forma de procissão, no couce da qual ia o capitão mór ao pé da cruz acompanhada pelos padres. Os indigenas tambem faziam numero, e até, quaes cyrinceus, ajudavam os que a conduziam para aquelle pequeno calvario. — Quando foram no sitio aprazado, depois de pregarem na cruz as armas e divisa de elrei D. Manuel, a levantaram e chantaram. — Nesta occasião foi a terra baptisada com o nome de *Vera-Cruz*. E por este acto solemne se acabou de realisar o oraculo de Negea:

Irá logo o Cabral, varão famoso,
Ver do Brazil a costa prolongada
Onde um trophéo levanta glorioso
Em que deixa sua fama eternizada (*).

(*) Ulysséa VII, 79.

O que confirmára também o «grão tonante» á protectora dos lusitanos:

Os vossos mores cousas attentando
Novos mundos ao mundo irão mostrando, (**)
Provando assim ao Gama que á direita
De terra tem certeza e não suspeita (**)).

Ao pé da cruz se arvorou um altar mui ligeiro, accenderam duas velas, e dahi a pouco appareceu Fr. Henrique com um rapaz de mãos postas adiante, e foi começar a missa resada, ajoelhando-se o acolyto á esquerda, e todos os mais com elle, quasi a um tempo. Os indigenas admiraram-se desta acção repentina, e com difficuldade se ensaiaram para a imitar. Quando foi ao virar do evangelho, levantaram-se todos por assim o verem fazer aos outros, e quando estes se benzião levavam aquelles, para os imitar também, as mãos á cara, e faziam toda a casta de gatinhanhos. — A sua admiração cresceu quando tendo-se outra vez ajoelhado ao *Orate fratres*, ouviram logo dahi a pouco romper-se o maior silencio pelos agudos sons de uma campainha, acompanhando certas expressões em voz mais alta e mysteriosa, e que todos batiam nos peitos, o que elles também imitavam. —

Veio a communhão da missa, e o capitão mór, varios fidalgos e cavalleiros entrando o nosso devoto Pero Vaz, alguns religiosos e sacerdotes se chegaram para o altar, afim de também commungarem; o que igualmente fizeram os dois degradados que deviam ser aqui deixados (:). A missa ia alongando, e alguns indigenas começaram a enfadar-se co'a demora: «outros estiveram e ficaram». No numero dos ultimos entrou um velho, ao parecer de cincoenta e tantos annos, que convocava os mais, e lhes fallava apontando para o altar e depois para o ceu — parecendo dizer serem aquellas cerimoniaes superiores e divinas — o que fez grande impressão nos devotos animos que alli se achavam. —

Em se tendo acabado a missa, Fr. Henrique, deixando-se ficar só na alva, achou segunda occasião de exercitar a sua eloquencia evangelica, e de ostentar theologica erudição. Discorreu pela vida dos apostolos S. Filippe e S. Thiago, que a igreja solemnizava naquella dia, reputado do anniversario do descobrimento das ilhas de Cabo-Verde, e não se esqueceu de fazer uma peroração acerca das justas e santas intencões com que se proseguiam os descobrimentos.

O sol estava no seu apogeu, o tempo já sereno e o mar muito manso quando Fr. Henrique finalizou. Dahi a pouco veio o capitão Nicolau Coelho, trazendo muitos crucifixos de estanho que lhe tinham ficado da viagem antecedente feita com Vasco da Gama. Fr. Henrique distribuiu um a cada gentio, atando-lho ao pescoco, fazendo-os primeiro beija-lo e levantar as mãos. Elles cumpriam o que lhe mandavam, e coitados não viam mais que a imagem do Crucificado, de quem nada sabiam. Era uma hora quando tendo-se distribuido algumas 40 a 60 destas imagens, foram todos dar um osculo de despedida na grande cruz, e vieram ao jantar trazendo consigo o velho, que explicava a divindade das cerimoniaes, com outro companheiro; aos quaes deram depois uma camisa e mandaram de novo para terra.

A noite já ia adiantada, e Pedr'Alvares estava

(**) Camões II, 45. (***) Id. V, 4.

(:) Esta politica de deixar degradados fundava-se no coração patriótico do homem, que sempre promoveria os interesses da sua nação. Naquelle tempo bastava um portuguez ao pé de um padrão, para dizer a quem viesse — «Alto lá que isto é de Portugal.» Nesta viagem foram também depois deixados em Quilou Antonio Fernandes, carpinteiro da Ribeira, e em Melinde Luiz de Moura, os quaes se tornaram celebres nos annos seguintes, e fizeram relevantes serviços.

ainda a arranjar a correspondencia para elrei, enviando-lhe as derrotas e observações dos pilotos, a fim de melhor se regularem os que lá voltassem. Pero Vaz fechava a sua carta, escripta em sete folhas de papel ordinario, accrescentando que ainda naquella noite tinham sahido dois grumetes da capitana, e recommendava muito a occupação da terra, que julgava com os seus uma ilha de 20 a 25 leguas.

Ainda não era bem dia quando Gaspar de Lemos já do todo aviado para partir, aproveitando uma refega, levantou ferro e largou da bahia, entre vozeadas despedidas ao passar por cada uma das naus. E seguiu sua rota. —

Pedr'Alvares fez logo signal de partida, mandou pôr em terra os dois degradados; e quando voltou o batel já as naus começavam a vellejar. Aquelles ficaram na praia chorando, sendo consolados pelos indigenas que delles se compadeciam. Um dos dois morreu de desgosto; e outro veio, segundo Barros e Goes, a ser interprete daquella lingua aos do contrato de Jorge Lopes Bixorda. E voltando ao reino alguns annos depois, contou o succedido á desventurada Ypêca [nome tomado de certa ave] cuja historia ouvira da boca de um indio seu amigo. Obrigada pelos parentes a unir-se com quem não amava, morreu a mesquinha definhada de paixão. — Braz Ribeiro ficou curado do seu mal dentro em pouco, mas chegando a Calecut lhe tocou ir nos bateis com Toar proteger Ayres Correa, contra os insultos da terra, e ali foi victima com este feitor e porventura também com Pero Vaz. Foi no dia 16 de Dezembro.

XL.

SUCCESSO.

Assim Pedr'Alvares Cabral, dando á patria um novo paiz para cultivar, associou ao seu nome gloria eterna, entrando no numero desses heroes que á maneira de meteoros luminosos apparecem, para n'um repente resplandecerem e sumirem-se logo. — Lá se vai pelos mares fóra com as suas onze naus! A fortuna, que até agora lhe foi propicia, cedo o abandonará por ter preferido ir ao oriente, [aonde com traições se saldaram as crueldades dos seus] no goso deste novo paraíso terreal. O Adamastor lá está á espera de quem primeiro o afrontou, para delle agora tomar dura vingança engulindo-o com quatro destas naus!

Gaspar de Lemos, soccorrido da bussola e do astrolabio, chegou com a grande nova a elrei, e logo se propagou pelo reino. Foi inexplicavel o alvoroço com que todos souberam tal noticia. O pendão das quinas, que tremulava na Europa e na Africa, e nas ilhas do Atlantico e nos mares da India ia estender-se pelo occidente! Fizeram-se festividades em varias igrejas e conventos, sahio uma procissão da sé, e elrei perdoou a seis judeus. — Um astrologo do grande nome, que naquella tempo havia, foi logo consultado; o qual levantando uma figura fez computação do tempo e hora, em que se descobriu a terra; e outro sim do tempo e hora que teve elrei aviso do seu descobrimento; e achou que ella havia de ser opulenta e servir de refugio e abrigo da gente portugueza (*). Auctor houve que profetizou — viria a ser um grande imperio, de territorio immen-

(*) Quem duvidar desta particularidade curiosa, saiba que a conta um escriptor, que viveu no mesmo seculo, e que a invasão franceza foi causa de que o astrologo não ficasse por impontor. Consulte o leitor o que dizemos nas *Reflexões Criticas* á obra de Gabriel Soares, impressas pela Academia no Tom. 5.^o das *Memorias do Ultramar* pag. 99.

so, filho e todo descendente — em religião, lingua, costumes e até no sangue, de uma nação pequena em extensão, mas grande em homens e generosa, com quem um dia viria a rivalisar, e depois emancipar-se para gozar das riquezas com que nascera. — A noticia chegou logo a Castella. João de la Cosa foi immediatamente ao seu mappa (*), e rabiscou ao sul do cabo, que descobrira Vicente Annes Pinzon, uma grande ilha [pois tal se dizia que era] ao pé da qual escreveu este distico:

YSLA DESCUBIERTA POR PORTUGAL.

O florentino Vespuzio, que estava vivendo em Sevilha, é convidado para ir, como foi sem questão, nos dois annos successivos em expedições portuguezas, commandadas por portuguezes explorar esta terra descoberta agora por portuguezes. Estas duas expedições voltaram com pouca felicidade, trazendo só canafistula e brasil. Sobre a extracção deste ultimo lenho [ubira-pitanga] fez a corôa um contracto, e os navios deste começaram a designar o paiz por *Terra do Brasil*, e depois disseram só *Brasil*. Tal é a etymologia do actual nome deste paiz, a qual — caso raro! — é das pouquissimas não contestadas. E assim um nome deduzido do lenho sagrado em tempos de tanta devoção e superstição foi substituido por outro tirado deste lenho rendoso!

O paiz gozou ao principio de tão pouca consideração que o rei afortunado não se dignou de o mandar outra vez explorar, nem accrescentar a tantos titulos do seu dictado um só que exprimisse o senhorio em tão grande parte do globo! E por seculos foi imitado pelos seus successores! Esta reflexão, que ainda até hoje se não fez, é a prova mais caracteristica do esquecimento que as cousas do Oriente trouxeram ás do Occidente.

Sabemos — que o diz Barros — que «pelo nome de Santa Cruz foi aquella terra nomeada os primeiros annos: e a cruz arvorada alguns durou naquelle logar.» Depois a recolheram á igreja, e segundo Lindley ainda ha poucos annos a mostravam com grande veneração os habitantes da villa de Porto Seguro.

XII.

Epilogo.

.....
E o Brasil se descobriu. Porem onde são os padroes de tão gloriosos e transcendentos acontecimentos que influiram na sorte dos homens? — A bahia *Cabralia*, vai para quatro seculos que espera por este nome, e ainda com mais razão espera um monumento que a ennobreça, e a terra circumvisinha altamente o reclama.

O ilheo ainda não teve a fortuna de servir de base a uma torre luminosa, que em quanto utilise aos navegantes, qual outro farol de Alexandria, accuse ao viajante, em testemunho de gratidão, que alli foi plantada a primeira arvore do christianismo e se celebrou primeiro a religião de nossos pais!

Pois já que faltam monumentos physicos procuremos nós, ajudados pelos Sousas, Vasconcellos e Pizarros (:), apregoar estes e outros factos do rico paiz, cuja historia não teve nem Barros, nem Coutos,

(*) Este mappa original existe hoje em poder do erudito Walkenaer, e foi publicado pelo maior sabio — o grande Humboldt.

(:) As *Memorias Historicas* deste brasileiro, impressas no Rio de Janeiro (1820 — 1822) em nove tomos de quarto, são uma fonte inexaurivel de noticias de mui laboriosa erudição, ácerca do Brazil.

nem Farias, nem Herreras, apesar de ser uma das que mais tendem a sublimar e encarecer os fastos lusitanos. F. A. V.

COOPER E A LITTERATURA DA AMERICA INGLEZA.

SERIA curioso comparar os juizos, muitas vezes contradictorios, que inspira em Inglaterra ás diversas opiniões o estado moral, politico e litterario dos Estados-unidos. Parece que ainda existe da parte dos inglezes certo odio contra os que emancipando-se lhes fugiram das mãos. Na sua vontade o povo americano seu irmão, que elles personificam com zombaria dando-lhe o nome familiar de *Jonathas*, não é mais do que um grosseiro negociante, ou um imitador avesso das graças britannicas, e cujo espirito esteril foi condemnado para todo o sempre aos frios calculos arithmeticos do escriptorio da casa de commercio. E comtudo incontestavel o progresso na litteratura deste povo, que nas mathematicas deu o melhor commentador de Laplace — o celebre Bowdich.

O auctor da *Columbiada*, José Barlow, tomou inspirações das bellezas de Milton e de Pope. A nova escola dos jovens americanos, dividida em duas seitas, estuda tanto os auctores do reinado da rainha Anna como as concepções originaes de Byron, Southey, Walter Scott, &c. Se quizessemos classificar os poetas americanos por palavras mal definidas, que os aristarcos applicam a tudo, poder-se-hia chamar a Pierpont e a Maxwell poetas classicos; em quanto que Paulding seria um romantico imitador de Byron, e Eastburn outro imitador de Scott. Na prosa Washington Irving escolheu Addison e Goldsmith por modelos; e o seu estilo é por vezes tão elegante e certo que mais rico do que os dois classicos inglezes; e torna-se original e sublime quando falla da sua America: convinha porem que neste ponto fosse ainda mais nacional e menos inglez. Com este rivalisa William Prescott, que publicou uma grande obra sobre o reinado de Isabel a Catholica.

Walter Scott tem por ora na America o unico successor. Os romances de Fenimore Cooper acham-se já traduzidos em francez e varias linguas europeas, e alguns já em portuguez. Entre estes conhecemos a traducção do *Piloto* e do *Derradeiro dos Mohicanos* pelo Sr. Moura. No primeiro destes passa-se a scena, como é bem de ver, quasi continuamente no mar, o que appresenta um duplo desafio á Inglaterra. Parece que o A. como bom cidadão quiz estabelecer que esse oceano, que os inglezes querem que faça parte dos seus dominios, tambem respeita o pavilhão americano: e pelo lado litterario é uma resposta triumphante a Scott, que tinha positivamente declarado ser impossivel pintar scenas de mar sem copiar Smollet. Fenimore Cooper veio destruir esta proposição.

O *Derradeiro dos Mohicanos* appresenta-nos as solidões da America na primeira idade da colonisação. O *Espião* é um romance nacional cujo quadro é feliz, a fabula de interesse, e os pormenores novos e divertidos. Cooper imitou neste romance não só o Walter Scott romanceiro como tambem o Walter poeta. *Lionel Lincoln*, cujo assumpto é o sitio de Boston, é um drama ácerca da emancipação. Cooper foi nelle bem inspirado pelo patriotismo e pela liberdade que adoptou por musas. Muitas mais são as obras de Cooper a quem o proprio Scott admirava, bem como o são os nomes de mui distinctos americanos.

Sempre os que menos sabem mais repr'hendem.

BERNARDES.